

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira
Abril de 2023

Lins do Rego, o escritor que se inspirava nos cantadores cegos

Darcy Ribeiro, um pensador múltiplo

Nelson Rodrigues e nossa quota de pecados

**Serestas e serenatas:
patrimônio da
alma mineira**

E MAIS:
Conto, poemas, crônica

27

SUMÁRIO

CAPA

Seresta e alma mineira

A seresta é uma manifestação musical e afetiva que faz parte da história e da alma dos brasileiros em geral e dos mineiros em particular. Ela floresceu entre nós inspirada nos hábitos dos colonizadores portugueses, mas aqui incorporou elementos dos africanos escravizados, dos povos originários e, certamente, dos bandeirantes paulistas que vieram em busca do nosso ouro e das pedras preciosas. O fato é que a música se entranhou em nosso espírito e se espalhou pelas cidades ainda ao tempo colonial, por aqui ficou e ainda está presente.

Nossa capa é uma homenagem à seresta e à serenata, nessa iluminada pintura de Sandra Bianchi, na técnica de guache sobre foto, inspirada na tradicional *Vesperata*, de Diamantina, cidade que disputa com Montes Claros a primazia de ser a capital mineira da seresta. Bobagem discutir: as duas merecem.



HOMENAGEM / DARCY RIBEIRO

Encontro marcado com um “caudal de vida”

Rogério Medeiros Garcia de Lima

4



Noções de mais algumas coisas

Emerson Chaves Motta

12



O povo de Maíra

Amaury Silva

16



LITERATURA

José Lins do Rego

O escritor que contou histórias inspirado nos cantadores cegos nordestinos

Gutemberg da Mota e Silva

18



Nélida Piñon

Pós-modernista, abriu caminhos para a literatura de mulheres

Aldina Soares

28



CAPA

Serenata

Encravada há séculos na alma mineira

Manoel Hygino dos Santos

32



Seresta,
um patrimônio mineiro

Manoel Marcos Guimarães

38



BIOGRAFIA

Nelson Rodrigues, sem pecado

Jorge Paulo dos Santos

42



CONTO

Ofúco

Sílvia Nascimento

52



POESIA

Cachaça em diferença e repetição

Amaury Silva

55



Três poemas

Renato César Jardim

56



Três poemas

João Quintino Silva Galinari

57



Doce pássaro da juventude

Llewellyn Medina

58



Soro

Aldina Soares

59



CRÔNICA

Cozinha

José Aparecido Fausto de Oliveira

61



EDITORIAL

Um banho de Brasil

Nossa revista chega aos leitores com um cardápio recheado de textos que bem refletem a riqueza de nossa gente, de ontem e de hoje, como a celebrar os novos tempos que vivemos, após uma quadra marcada por grandes sustos.

Começo por me referir à capa, que exalta, em mais uma belíssima ilustração da Sandra Bianchi, as nossas serestas e serenatas, que dominaram e ainda dominam noites e madrugadas em praticamente todas as nossas cidades, desde tempos coloniais.

Dos seresteiros, passamos aos cantadores cegos nordestinos, inspiração e referência para José Lins do Rego, o escritor que soube como ninguém retratar em seus romances as agruras da vida nos engenhos de cana do Nordeste.

Do Nordeste, voltamos a Minas para celebrar o centenário do visionário Darcy Ribeiro, em três textos que demarcam sua trajetória de pensador e de militante de causas ainda absurdamente atuais, como o desrespeito aos nossos povos originários e ao meio ambiente.

A causa feminina está presente, com narrativa sobre a vida e a obra de Nélida Piñon, primeira mulher a ocupar a Presidência da Academia Brasileira de Letras e cuja obra abriu caminhos para a literatura feminina no país.

E não bastasse esse rico cardápio, oferecemos como tempero breve ensaio sobre a vida e a obra de Nelson Rodrigues, um criador absolutamente original e revolucionário, que mudou a cara e o coração do teatro brasileiro

De sobremesa, a revista oferece saborosos conto e crônica e uma sequência de inspirados poemas de magistradas e magistrados, que voltam a demonstrar a capacidade criativa da magistratura mineira.

Comecei destacando a beleza da capa e é justo encerrar assinalando que a beleza se espalha por todas as páginas, sempre sob o mágico pincel da Sandra Bianchi.

Boa leitura, com meu fraterno abraço.

JD Luiz Carlos Rezende e Santos
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2022-2024

Presidente: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente Administrativa: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Vice-presidente Financeira: Juíza Roberta Rocha Fonseca

Vice-presidente de Saúde: Juiz Jair Francisco dos Santos

Vice-presidente do Interior: Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Desembargador Maurício Pinto Ferreira

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargadora Aposentada Heloisa Helena de Ruiz Combat

Diretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Diretor-subsecretário: Juiz Evandro Cangussu Melo

Diretora de Comunicação: Juíza Daniela Cunha Pereira

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Juiz Fernando Humberto dos Santos, Juiz Jorge Paulo dos Santos, Jornalista Rogério de Faria Tavares (presidente da Academia Mineira de Letras) e Artista Plástico e Escritor Márcio Sampaio (membro da AML).

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587 / MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)

Impressão: Rona Editora | **Tiragem:** 2.450 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br



Encontro marcado com um “caudal de vida”

Rogério Medeiros Garcia de Lima

Desembargador do TJMG

“**E**sse mundo é um vendaval”
Darcy Ribeiro, em *O Mulo*.

Em agosto de 1992, aos 30 anos de idade, passei a exercer as funções de juiz de direito na Comarca de Montes Claros. Foi uma Comarca muito importante na minha trajetória. Lá permaneci até junho de 1995.

É uma bela e tradicional cidade do norte de Minas Gerais, da qual orgulhosamente sou cidadão honorário. Francisco Sá era ministro de Viação e Obras Públicas, na década de 1920. Ao inaugurar a linha férrea regional, designou Montes Claros como o “coração robusto do sertão mineiro”.¹

Jamais imaginara ter ali um encontro marcado com o célebre montes-clarense Darcy Ribeiro, cujo centenário de nascimento celebramos ano passado.

Sertanejo raiz

O antropólogo, educador, escritor e político Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, no dia 26 de outubro de 1922. Era filho de Reginaldo Ribeiro dos Santos e de Josefina Augusta da Silveira – Dona Fininha.²

Perdeu o pai muito cedo. A mãe criou os dois filhos, Darcy e Mário, com muito zelo.

Mário Ribeiro (1924-1999) se formaria em Medicina e seria prefeito de Montes Claros (1989-1993).³

O apartamento em que residi, quando era juiz da Comarca, situava-se à Avenida Mestra Fininha. A denominação da via urbana homenageia a saudosa mãe de Darcy, educadora muito respeitada pela comunidade.

João Valle Maurício foi médico, escritor, professor e reitor da atual Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Era contemporâneo de Darcy Ribeiro, com centenário de nascimento também comemorado em 2022.

Dr. Maurício – como carinhosamente o chamavam – descrevia nostálgico o torrão natal:

“Uma cidade é como a gente: tem sempre muitas histórias para contar, à medida que os dias vão passando. A diferença é que nós vamos envelhecendo sempre e sempre, enquanto as cidades ficam mais velhas, mas vão recebendo, constantemente, gerações e gerações de gente nascendo e de gente que vem de longe. As cidades rejuvenescem no progresso, nas conquistas, nos valores e nas esperanças. Por isso é que a minha terra de

hoje é tão enormemente diferente da pequena cidade, ponta de linha férrea, que conheci quando menino.

“Sem dúvida, a situação geográfica de Montes Claros, bem distante dos grandes centros mais avançados, forçou para que ela firmasse uma individualidade com características bem próprias. (...)

“Foi-se firmando uma cultura, chegando de fora, mas que foi, muito logo, alcançando definições próprias. Não recebemos, como as cidades litorâneas, as influências estrangeiras com variáveis constantes”.⁴

Travessuras infantis

O pequeno Darcy foi coroinha da Igreja Matriz, na terra natal. Usava as vestimentas próprias, para acompanhar as missas. Acabou expulso pelo vigário, porque, certa feita, esgueirou-se até o elevado campanário do templo. Empalmou as cordas e tocou os sinos, repetida e ruidosamente. A população entrou em pânico, pois julgava ser o aviso de um incêndio.

O coroinha audacioso foi duramente castigado pela mãe.

O próprio Darcy Ribeiro narrou outra traquinice, por ele considerada a maior de sua vida:

“Eu estava assistindo, na farmácia enorme do meu tio, primo-irmão do meu pai, ao balanço. Então, seu Nelson, que era o farmacêutico, ia tirando as coisas do balanço. Num dado momento, ele pegou uns pacotes de azul de metileno e disse:

– Isso dava para pintar o oceano Atlântico, eu não sei por que o doutor comprou tanto.

“E eu fiquei aceso: ‘Isso dá para pintar o oceano Atlântico, coisa importante!’

“Roubei um pacote e fui procurar um amigo meu, o Zé do Catão:

– Oh, Zé, isso dá pra pintar o oceano Atlântico.

“E ele disse:

– Mas não tem oceano Atlântico aqui.

“E eu:

– Mas tem a caixa d’água!

“E fomos para a caixa d’água da cidade. Lá, o Zé disse:

– Oh, Darcy, isso pode ser veneno, pode matar sua mãe.

– Isso não é veneno coisa nenhuma, eu quero ver se fica azul.

“Briguei com ele e joguei o azul de metileno no tanque, ficou toda azul, toda torneira da cidade com azul de metileno, que era usado em gonorreia, para lavar a uretra. Aquilo correu e já sa-

“O arquiteto Oscar Niemeyer enxergava a luta política como a criação da capacidade do homem ‘de pertencer a uma sociedade mais generosa e mais igual’.”

*biam que era eu. Levei uma surra desgraçada. Eu tinha uns 11 anos”.*⁵

Antropólogo e indigenista

Darcy Ribeiro tinha um tio médico. Sob essa inspiração, tentou, aos 17 anos de idade, estudar Medicina em Belo Horizonte.⁶

Desistiu do curso médico.

Ingressou posteriormente na Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (USP).

Era a única faculdade brasileira de Ciências Sociais então existente.

Formou-se antropólogo, em 1946:

“Entre 1947 e 1956, trabalhou para o Serviço de Proteção ao Índio, que atualmente corresponde à Fundação Nacional de Apoio ao Índio (Funai).

*“Em 1948, Ribeiro casou-se com Berta Gleizer Ribeiro, antropóloga e etnóloga de grande importância na construção da antropologia brasileira. Berta Gleizer foi figura importante para a constituição da obra antropológica de Darcy Ribeiro (e vice-versa), pois ambos partiram para estudos etnológicos de campo até 1956, estudando a cultura indígena e oferecendo apoio às aldeias no Brasil”.*⁷

Político raro

Darcy Ribeiro foi ministro da Educação e chefe da Casa Civil, durante o governo de João Goulart. Com a queda do presidente em 1964, teve os direitos políticos cassados e viveu exilado em diferentes países.

Em 1976, retornou ao Brasil. Anistiado em 1980, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), criado por Leonel Brizola. Foi eleito vice-governador do Estado do Rio de Janeiro em 1982, na chapa do governador Brizola.

No ano 1990, elegeu-se senador da República.⁸

Sobre a Câmara Alta, gracejava:

– O Senado é como o céu, com a diferença de que não é preciso morrer para entrar.

A geração de Darcy Ribeiro era composta de políticos e intelectuais de esquerda. Foram utópicos, como definiu seu amigo e escritor Antonio Callado.

O arquiteto Oscar Niemeyer – outro correligionário – enxergava a luta política como a criação da capacidade do homem *“de pertencer a uma sociedade mais generosa e mais igual”.*⁹

De geração para geração, a percepção que fica é a da justeza dos versos do dramaturgo espanhol Calderón de la Barca:

*“Toda a vida é sonho; e os sonhos, sonhos são”.*¹⁰

Educador inesgotável

Darcy Ribeiro também se destacou como educador. Foi Diretor de Estudos Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do MEC (1957-1961). Presidiu a Associação Brasileira de Antropologia.

Participou, com Anísio Teixeira, da defesa da escola pública na discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Como ministro de João Goulart, criou a Universidade de Brasília, projeto revolucionário abortado pelo golpe de 1964.

No Estado do Rio de Janeiro, como Secretário de Estado da Cultura, coordenou o Programa Especial de Educação e encarregou-se de implantar os inovadores 500 Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs).

Instituiu a Universidade Estadual do Norte Fluminense, com a ambição de ser uma Universidade do Terceiro Milênio. Criou a Biblioteca Pública Estadual, a Casa França-Brasil, a Casa Laura Alvim e o Sambódromo, onde instalou 200 salas de aula para curso primário.

Recebeu títulos de Doutor *Honoris Causa* da Sorbonne (Paris), Universidade de Copenhague, Universidade do Uruguai, Universidade da Venezuela e Universidade de Brasília.¹¹

Darcy enfatizava um prognóstico realista:

– *Se os governadores não construírem escolas, em vinte anos faltará dinheiro para construir presídios.*¹²

Romancista

Darcy Ribeiro escreveu três romances, com êxito editorial.

Em *Maíra* (1976), criou a história de um índio adotado por um padre e seus conflitos existenciais, por haver renunciado às origens.¹³

O Mulo (1981) conta a vida de um sertanejo criminoso, velho e enriquecido, em primeira pessoa.¹⁴

Migo (1988) narra, também em primeira pessoa, a trajetória atribulada de Ageu Rigueira, um intelectual nascido no interior de Minas Gerais e radicado em Belo Horizonte.

Além do título deste terceiro romance, a identificação do autor com o protagonista está revelada, entre outras passagens, na seguinte confissão:

*“Escrevo como quem vomita o inconsciente às golfadas, pondo para fora o que há lá dentro, no fundo de mim. Tudo medido em palavras e frases legíveis. Verdadeiras? Por vezes. Mas sem nenhum fanatismo de veracidade, misturando passado e presente como me saíam.”*¹⁵

Aos trancos e barrancos

Em 1985, veio a lume um inusitado livro de Darcy Ribeiro: *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu.*¹⁶ Compila, em ordem cronológica, relevantes fatos históricos brasileiros. Por ilustrativas e hilárias, transcrevo, sem cortes, duas notas contidas na obra:

“O êxito do carnaval é No Bico da Chaleira, de Costa Júnior, que cria a expressão ‘chaleirar’, dando o nome e conjugação à prática vulgarmente chamada, até então, de puxa-saco ou lambe-cu. A expressão vem de Pinheiro Machado, que tinha sempre uma chaleira fervendo para o chimarrão e, quando pretendia colocar água na cuia, os presentes corriam pressurosos para pegar e servir” (nota 191, ano 1909).

“Objetivamente falando, a Revolução de 30 estoura é em Montes Claros. Estoura a 6 de fevereiro, quando os jagunços de dona Tiburtina abrem fogo, ferem e matam vários membros da comitiva do vice-presidente da República, Melo Viana, em viagem de propaganda da candidatura de Júlio Prestes. O vice, Carvalho de Brito, e outros figurões, se escondem lá em casa. Menino, eu vi. Mas não ouvi a resposta que Melo Viana deu aos meus conterrâneos, que perguntaram se ele estava ferido: ‘Se sangue fede, estou ferido’” (nota 627, ano 1930).

À medida em que me aprofundi um pouco na leitura de escritos e entrevistas de Darcy, percebi que ele foi uma daquelas raras personalidades às quais, pela irreverência quase infantil, alguma dose de licenciosidade é permitida.

Meu saudoso pai – o pediatra Euclides Garcia de Lima Filho – era outro ser dessa estirpe.

“Ele foi uma daquelas raras personalidades às quais, pela irreverência quase infantil, alguma dose de licenciosidade é permitida.”

Acadêmico desrespeitador de regras

O sociólogo e ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso incluiu Darcy Ribeiro entre os raros cientistas sociais desaparecidos do rigor da escrita acadêmica:

“Quantos clássicos terão tido a ventura de serem reeditados tantas vezes? Mais ainda: Gilberto Freyre sabia-se ‘clássico’. Logo ele, tão à vontade no escrever, tão pouco afeito às normas. E todos que vêm lendo Casa-grande & senzala, há setenta anos, mal iniciada a leitura, sentem que estão diante de uma obra marcante.

“Darcy Ribeiro, outro renascentista caboclo, desrespeitador de regras, abusado mesmo e com laivos de gênio, escreveu no prólogo que preparou para ser publicado na edição de Casa-grande & senzala pela biblioteca Ayacucho de Caracas que este livro seria lido no próximo milênio. Como escreveu no século XX, seu vaticínio começa a cumprir-se neste início de século XXI”.¹⁷

Síntese brasileira

Além de inumeráveis artigos e ensaios acadêmicos, Darcy publicou entre tantos outros, os livros:

O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural;
As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos;

Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno;

O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes;

e O Brasil como problema.^{18 a 22.}

De tudo, elaborou maravilhosa e utópica síntese em *O povo brasileiro*:

“Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso autossustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra”.²³

Academia Brasileira de Letras: o encontro marcado

Darcy Ribeiro foi empossado na Academia Brasileira de Letras, em 15 de abril de 1993.²⁴ O destino levou-me ao seu encontro. Um “encontro marcado” capaz de assombrar Fernando Sabino, outro grande escritor mineiro.

Seguindo secular tradição, a Prefeitura Municipal de Montes Claros doou o fardão de acadêmico ao filho ilustre. A Câmara Municipal aprovava lei, autorizando a liberalidade.

“Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical.”

Todavia, um cidadão montes-clarense ingressou na Justiça com ação popular. Pretendia anular a doação e obrigar o beneficiário e autoridades a devolverem ao erário municipal o numerário gasto.²⁵

A ação popular já existia no milénar Direito Romano.

Está prevista pelo artigo 5º, inciso LXXIII, da Constituição Federal de 1988: *“qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural”*.

O juiz da causa fui eu. Antes de decidi-la, determinei que se enviasse ofício à Academia Brasileira de Letras, presidida, à época, por Austregésilo de Athayde. A resposta veio assinada pelo jurista e acadêmico Evaristo de Moraes Filho:

“Apresso-me, como vem solicitado, em responder ao seu ofício. Realmente, ‘existe a praxe’, nas exatas palavras de V. Exa., de ser o Fardão e demais pertences oferecidos ao Acadêmico eleito por um dos Poderes Executivos, do estado ou cidade onde tenha este nascido. Assim, tanto pode ser oferecido pelo Governador como pelo Prefeito.

“Trata-se de mera praxe, segundo os usos e costumes até agora obedecidos. Não há nenhuma norma jurídica que regule a espécie, com direitos do Acadêmico e obrigações do Governo. Contudo, a praxe vem sendo seguida até agora, para honra de ambas as partes, Acadêmico e Governo”.

Foi este o mote para julgar improcedente o pedido do autor popular, na sentença publicada em 24 de novembro de 1994. Uma prática arraigada na cultura brasileira não poderia ser desconsiderada, ao encerrar aquela ação popular.

E fundamentei mais:

“Indague-se: homenagear o eminente montes-clarense Darcy Ribeiro é algo juridicamente imoral? Definitivamente não, tratando-se de um vulto respeitado nacional e internacionalmente.

“Sociólogo, com especialização em Etnologia, fez-se amigo do Marechal Rondon e se embrenhou por Mato Grosso, para conviver com os índios. A convivência forneceu-lhe elementos para publicar valiosíssimos estudos científicos sobre os nossos indígenas.

“Some-se a isso a sua fecunda obra literária, concretizada nos romances Maira (1976), O Mulo (1981) e Migo (1988), e na obra autobiográfica Testemunho (1990).

“Educador emérito, implantou a Universidade de Brasília. No exílio, após 1964, lecionou em várias universidades estrangeiras. Em 1979, no salão nobre da Sorbonne, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Paris. Idealizou, no Rio de Janeiro, o Sambódromo e o Programa Especial de Educação (implantação dos famosos CIEPs).

“Político, foi Ministro de Estado e Vice-Governador do Rio de Janeiro. É Senador da República, por aquela unidade federativa, desde 1991.

“Em 1992, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, tornando-se imortal.

“Montes Claros, então, passava a ser um rincão interiorano com dois filhos acadêmicos. Cyro dos Anjos, falecido recente-

“Indague-se:
homenagear o
eminente montes-
clarense Darcy
Ribeiro é algo
juridicamente
imoral?”

“Lembrando a alegria que foi aquela bela manhã de sol, me assalta uma dúvida: será que Darcy foi embora mesmo? Minha cabeça pode dizer que sim, mas meu coração diz que não.”

mente, autor do primoroso romance *O Amanuense Belmiro*, e Darcy Ribeiro.

“O Senador fez de si um autorretrato (Darcy Ribeiro, in *‘Testemunho’*, Ed. Siciliano, 1990, pag. 211):

‘Vivo e trabalho urgido por um nervo ético, movido por um furor criativo, e ativado por tal ambição de fazimento que não tenho sossego. Esta minha servidão cansa muito, é verdade, mas dá uma satisfação que nenhum lazer supera.

‘Meus defeitos ou qualidades maiores, não sei bem, são esta alegria brincalhona que me tira do sério e uma obsessão irresistível por variar. Tantas peles encarnei na vida que não pude realizar-me plenamente em nenhuma delas. Fui, sou, etnólogo de campo, indigenista militante, antropólogo teórico, educador apaixonado pelo ensino público básico, e também criador e reformador de universidades. Acresce a isto os ofícios de ensaísta crítico e de romancista confessional, além de ex-revolucionário e militante e político reformista. Que mais?’

“Corroborado pelo poeta Carlos Drummond de Andrade (ob. cit., p. 253):

‘Darcy é um monstro de entusiasmo que nenhum golpe feroz arrefece, é um ser de esperança e combate. Sete Quedas acabou, mas Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço, e este aí engenharia econômica nenhuma ou poder autocrático nenhum podem com ele. Darcy, caudal de vida.’

“E pelo educador Anísio Teixeira (ob. cit., p. 243):

‘Considero Darcy Ribeiro a inteligência do Terceiro Mundo mais autônoma de que tenho conhecimento. Nunca lhe senti nada da clássica subordinação mental de subdesenvolvimento’.

Fracassos vitoriosos

Em 1978, Darcy Ribeiro recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Sorbonne - Paris. Proferiu magnífico discurso, do qual transcrevo famoso trecho:

*“Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”²⁶*

Fuga rebelde do hospital e morte

Acometido por um câncer letal, Darcy Ribeiro estava internado na UTI de um hospital do Rio de Janeiro. De lá fugiu, em janeiro de 1995. Refugiou-se na sua casa de praia em Maricá (RJ), onde concluiu o livro *O Povo Brasileiro*:

– *Eu não queria morrer sem terminar esse livro. Eu passei 30 anos e 40 dias escrevendo esse livro.*²⁷

Foi a última travessura do coroinha endiabrado de Montes Claros...

Darcy Ribeiro faleceu em 17 de fevereiro de 1997.²⁸ O jornalista e escritor Zuenir Ventura refletiu:

“Sempre achei que, no fundo, Darcy era imortal. Na última hora ele se safava, dava a volta por cima: ‘raspava’ o pulmão, fugia da UTI, deixava o hotel e se mandava para o Brasil, driblava, enfim a morte. Até no enterro, no meio daquela zorra tropicalista que foi o seu sepultamento, com gente cantando, bebendo e gritando o seu nome, tive por um momento a fantasia de que Darcy só estava esperando todo mundo ir embora para pular fora do mausoléu. (...)”

“Lembrando a alegria que foi aquela bela manhã de sol, me assalta uma dúvida: será que Darcy foi embora mesmo? Minha cabeça pode dizer que sim, mas meu coração diz que não.”²⁹

Notas Bibliográficas

1. MAURÍCIO, João Valle. *Janela do sobrado: memórias*. Montes Claros/MG: Sociedade Editorial Arapuí, 1992, p. 15.
2. Darcy Ribeiro - *Biografia*, Portal da Academia Brasileira de Letras, disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia>, acesso em 22.11.2022.
3. *Ex-prefeito Mário Ribeiro ganha busto em frente ao Aeroporto de Montes Claros*, Portal Montes Claros, Prefeitura Municipal de Montes Claros, disponível em <https://semma.montesclaros.mg.gov.br/noticia/meio-ambiente/ex-prefeito-mario-ribeiro-ganha-busto-em-frente-ao-aeroporto-de-montes-claros>, acesso em 07.01.2021.
4. MAURÍCIO, João Valle. *Janela do sobrado: memórias cit.*, p. 15.
5. RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom!* Rio de Janeiro: Revan, 1997, p. 26-27.
6. GONÇALVES, Marcos Augusto. *Darcy Ribeiro falou com a Folha depois de fugir do hospital*, jornal *Folha de S. Paulo*, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/02/darcy-ribeiro-falou-com-a-folha-depois-de-fugir-do-hospital.shtml>, acesso em 12.02.2020.
7. PORFÍRIO, Francisco. *Darcy Ribeiro*. Portal *Brasil Escola*, disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/darci-ribeiro.htm>, acesso em 22.11.2022.
8. *Darcy Ribeiro - Biografia*. Portal da Academia Brasileira de Letras *cit.*
9. RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom! cit.*, p. 97-99.
10. “*Toda la vida es sueño, y los sueños, sueños son*”. LA BARCA, Pedro Calderón de. *La vida es sueño*. Madrid: Alianza Editorial (Anaya), 1ª ed., 2020.
11. *Darcy Ribeiro - Biografia*. Portal da Academia Brasileira de Letras *cit.*
12. FRANCO, Bernardo Melo. *Vinte anos sem Darcy*, jornal *Folha de S. Paulo*, edição de 19.02.2017, p. A-2.
13. RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo: Global Editora, 19ª ed., 2014.
14. RIBEIRO, Darcy. *O Mulo*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
15. RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2ª ed., 1988, p. 13-14.
16. RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.
17. CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 79.
18. RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. Petrópolis: Vozes, 10ª ed., 1987.
19. RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
20. RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
21. RIBEIRO, Darcy. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 5ª ed., 1988.
22. RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1995.
23. RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 411.
24. *Darcy Ribeiro - Biografia*. Portal da Academia Brasileira de Letras *cit.*
25. Processo nº 3.165/92, Secretaria da 5ª Vara Cível da Comarca de Montes Claros/MG.
26. RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom! cit.*, p. 156-157.
27. *Darcy Ribeiro: 100 anos do visionário que lutou por indígenas, pela educação e fugiu de UTI para concluir livro* Por BBC, disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/10/25/darcy-ribeiro-100-anos-do-visionario-que-lutou-por-indigenas-pela-educacao-e-fugiu-de-uti-para-concluir-livro.ghtml>, acesso em 25.10.2022.
28. *Darcy Ribeiro - Biografia*. Portal da Academia Brasileira de Letras *cit.*
29. RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom! cit.*, p. 148-149.



Noções de mais algumas coisas

Emerson Chaves Motta

Juiz de Direito do TJMG em Teófilo Otoni

Em seu livro *"Noções de Coisas"*, Darcy Ribeiro (1922-1997) brinda o leitor com primorosa análise de questões fulcrais para a humanidade, por ele definida como *"o conjunto de todos os povos que existem, ou seja, de todos os homens, mulheres e crianças que vivem neste mundo"*.

O objetivo deste texto é pensar alguns pontos trabalhados pelo ilustre norte-mineiro faz algumas décadas. Não que ele esteja desatualizado. O trecho adiante do referido livro atesta firmemente o contrário: *"Estamos destruindo a vida com virulência tal, que parece suicídio. Seria uma morte procurada, se não fosse o resultado da destrutividade humana, aparentemente inevitável, que acabará mesmo com tudo que vale a pena."* A percepção que *não há futuro* hoje motiva jovens a lutar pela preservação do meio ambiente.

Mas, para Darcy Ribeiro o problema é solucionável: *"(...) desencadear uma nova revolução; depois da primeira, divina, que engendrou a vida; e da segunda, humana, que humanizou e mecanizou o mundo. A terceira seria um freio que detivesse a poluição e a destrutividade."*

Ciência X Cegueira

Muitos ainda creem *"ipsis literis"* em mitos da criação. Mesmo agora, quando a ciência desvelou outra perspectiva para o surgimento e desenvolvimento do universo. Para Darcy Ribeiro, *"a gente tem que confiar nos cientistas, porque não há outro jeito. Só com eles se pode conhecer a realidade do mundo para bem viver nele e para melhorar a vida"*.

Acredito que Javé não precisava se apressar para fazer tudo em seis dias. Afinal, não existe tempo na eternidade, *"onde"* Elu vive sempre o presente. Estresse, nunca!

O tempo começou há 13,8 bilhões de anos, segundo a teoria do *Big Bang*, a mais aceita entre os cientistas.

A Terra se formou, com átomos forjados no núcleo de extintas estrelas de primeira e segunda geração, há 4,5 bilhões de anos. As estimativas para o aparecimento da vida em sua superfície variam de 3,5 a 4 bilhões de anos atrás. Situemo-la no interregno de 3,8 bilhões de anos.

Então, mais ou menos 10 bilhões de anos transcorreram desde a grande expansão até as primeiras formas vivas no Planeta Água.

Sobrevieram 3.799.700 mil anos de transformações geológicas, climáticas e de evolução das espécies, até o surgimento do primeiro *"Homo sapiens"* faz três milheiros de séculos. Sua estirpe passou 288 mil anos vivendo como coletora e caçadora.

Doze mil anos atrás começamos a transição para a agricultura. A partir daí, foram 11.800 anos vivendo ainda relati-

vamente próximos da natureza, transformando-a, extraindo e usando seus recursos de um jeito que permitia ao meio ambiente se recompor.

Então, há mui exíguos 200 anos deflagramos a era industrial e, com ela, a da devastação do meio ambiente, cujo preço altíssimo agora podemos perceber com o aumento da recorrência de eventos climáticos extremos. Repetem-se com maior frequência períodos de calor e frio demais, secas prolongadas, tempestades fortíssimas, chuvas volumosas. Matam indistintamente protetores da natureza, negacionistas e membros da maioria que fica em cima do muro da indiferença. Quem mais sofre são os pobres nos países em desenvolvimento. Mas, a conta é de todos.

A bólide sideral azul, que o Ser Supremo calmamente moldou durante 13 bilhões, 799 milhões e 700 mil anos para nos receber e vivermos em harmonia com o restante da Criação, vai sendo carcomida por vinte décadas de destruição intensa, inclemente, incessante. Tanto desrespeito para com a Obra alheia contrasta com a hipocrisia de agradecer e louvar erguendo as mãos aos Céus em templos exuberantes.

A Mona Lisa, em uma caixa de vidro blindado no Museu do Louvre, recebe 300 vezes mais visitantes que a Amazônia brasileira a céu aberto toda. A maior floresta tropical do mundo, indispensável ao equilíbrio do meio ambiente planetário, se aproxima do ponto de não retorno, rumo à completa aniquilação.

Milhões de toneladas de plástico são despejadas anualmente no oceano, onde levará séculos para se decompor, não sem antes causar danos consideráveis. Bilhões de toneladas de gases que causam o efeito estufa sobem para a atmosfera a cada 365 dias, e com isso certos efeitos do aquecimento global já são irreversíveis.

Dói constatar que durante 38 milhões de séculos a vida eclodiu na Terra e progrediu com equilíbrio, ao passo que em apenas dois séculos nós, os humanos, pretensos reis da criação, fazendo o papel de bufões medonhos, vamos conduzindo-a rapidamente ao exaurimento.

Desmerecemos o *"perdoai-os, não sabem o que fazem"*, porque sabemos muito bem o que fazemos! A ciência, um dos frutos da maravilhosa inteligência humana, já nos abriu os olhos. Hoje em dia, quando o assunto é crise climática, qualquer cegueira é voluntária. E o *"Planeta Sonho"* pode se tornar realidade muito antes do que o compositor previu.

Ogivas e poluição

Talvez uma guerra nuclear faça o *"Planeta Calma"* antes do fim do sol. O que é mais insensato do que manter apon-

“A Humanidade é aquela parte do Universo através da qual o Universo se vê a si mesmo, se conhece e se mede. Se nós desaparecêssemos, o Universo ficaria feito besta, rodando, girando aí, à toa, sem tomar conhecimento de si próprio.”

tado e pronto para atirar um arsenal capaz de devastar tudo milhares de vezes?!... Otimista era Darcy Ribeiro: *“Hoje, já não há aquele risco da Guerra-do-fim-do-mundo, porque as duas potências juntaram tanta capacidade destrutiva, que decidiram não usá-la mais, dado o fato de que seria o fim para ambos e para toda a vida.”* Obtempero que Nero, Hitler e outros perversos servem como prova de que periodicamente aparece alguém disposto a pulverizar tudo que é belo e bom. Não diria, como Darcy Ribeiro, *“que mais perigoso que a guerra nuclear é a poluição, que está minando e apodrecendo a vida na Terra”*, porque as duas coisas são devastadoras, cada uma na sua velocidade. Só tem um jeito para acabar com o risco: destruir as ogivas, parar de poluir e recompor.

Sextilhões de mundos

Darcy Ribeiro filosofa *“que a Humanidade é aquela parte do Universo através da qual o Universo se vê a si mesmo, se conhece e se mede. Se nós desaparecêssemos, o Universo ficaria feito besta, rodando, girando aí, à toa, sem tomar conhecimento de si próprio”*. Já eu acredito que somos tão, mas tão pequenos, que para o Universo, o que fizemos com a Terra será indiferente.

Preenchem a semi-infinitude do espaço, conforme dados mais atuais, de centenas de bilhões a dois trilhões de galáxias. A Via Láctea, nossa morada galáctica, tem de 200 a 400 bilhões de estrelas. Cada uma com pelo menos um planeta. Se cada galáxia tiver quantidade semelhante de estrelas, orbitam sóis, muitos dos quais são milhares de vezes maiores que o nosso, até 800 sextilhões de mundos, isso considerando que cada estrela tenha apenas um. São 779.999.999.999.999.999.999 outros globos.

Tanta grandeza terá pelo menos um propósito superior: contrastar com nosso orgulho!

Desigualdade e tragédias

Darcy Ribeiro já escrevia na sua época: *“(...) se os países mais prósperos, que queimam muito carvão e muito petróleo, continuarem neste desgaste tremendo, vão acumular tanta fumaça e tantos gases tóxicos na atmosfera, que a vida vai se tornar impossível. Há quem diga que, com cinquenta anos mais, a vida pode apagar-se, se continuar o tipo de vida que se faz nas nações ricas e o tipo de vida que elas impõem às nações mais pobres, que, para sobreviver, se afundam na miséria e na poluição.”* Realmente.

Só que o problema também é interno. No Brasil, por exemplo, as tragédias causadas pela chuva neste e nos anos recentes vêm matando centenas de pobres, moradores de regiões de encostas que ruem com deslizamentos, e de baixas que enchem de água. Os ricos, que moram em segurança garantida por melhores construções e infraestrutura pública, são pouco afetados.

Homem, ser superior?

Darcy Ribeiro definiu: “A vida é uma teia intrincada em que cada ser se relaciona com muitíssimos outros, numa coexistência de complementaridade e interdependência.”

Nossos ancestrais de todas as partes do mundo, desde antes da história, sabiam disso e mais, viam o ser humano como um elemento da natureza. Para eles, nossas ações devem respeitar o equilíbrio geral.

A filosofia e o cristianismo passaram a definir o homem como um ser apartado e superior da criação. Deram-lhe uma desculpa esfarrapada para sair modificando e destruindo ao seu bel prazer.

Para antiga sabedoria disseminada por África, Europa, Oriente e América, todo desequilíbrio natural ou social que causamos deve ser corrigido. A comunidade existe para o bem de todos – diferente de hoje, quando uma minoria vive nababescamente enquanto um número muito maior de pessoas sofre carências de todo tipo. À morte segue um novo nascimento, e esse ciclo se repete continuamente sob o cuidado do Ser Supremo (a quem cada cultura confere um nome), de seus áulicos e dos espíritos dos antepassados, que falam com os vivos pelos xamãs, profetas, oráculos, pajés e similares.

Darcy Ribeiro pontua que existem coisas como a sabedoria e a fala, que, apesar de não serem palpáveis, são perceptíveis por outros sentidos, ou compreensíveis pela inteligência da gente.

Essas coisas – posso concluir pensando nos saberes ancestrais – formam o patrimônio espiritual de cada um, que é enriquecido durante cada passagem por este mundo. Para renascermos aqui muitas vezes precisamos ser acolhidos por Gaia, de que ela perdure.

Destruí-la, reflito à luz da sabedoria ancestral, não será nosso fim. Apenas passaremos a ser bilhões de fantasmas vagando sobre o solo estéril do planeta, arrastando conosco as pesadas correntes do remorso, angustiados pelo desejo incontrolável de sentir novamente o conforto do útero, a frescura do ar, a doçura do leite materno, os aromas e sabores da vida, o contato agradável com a água, a luz do sol, outro corpo humano... Uma espera de milhares ou, quem sabe, milhões de anos até a vida humana vicejar novamente.

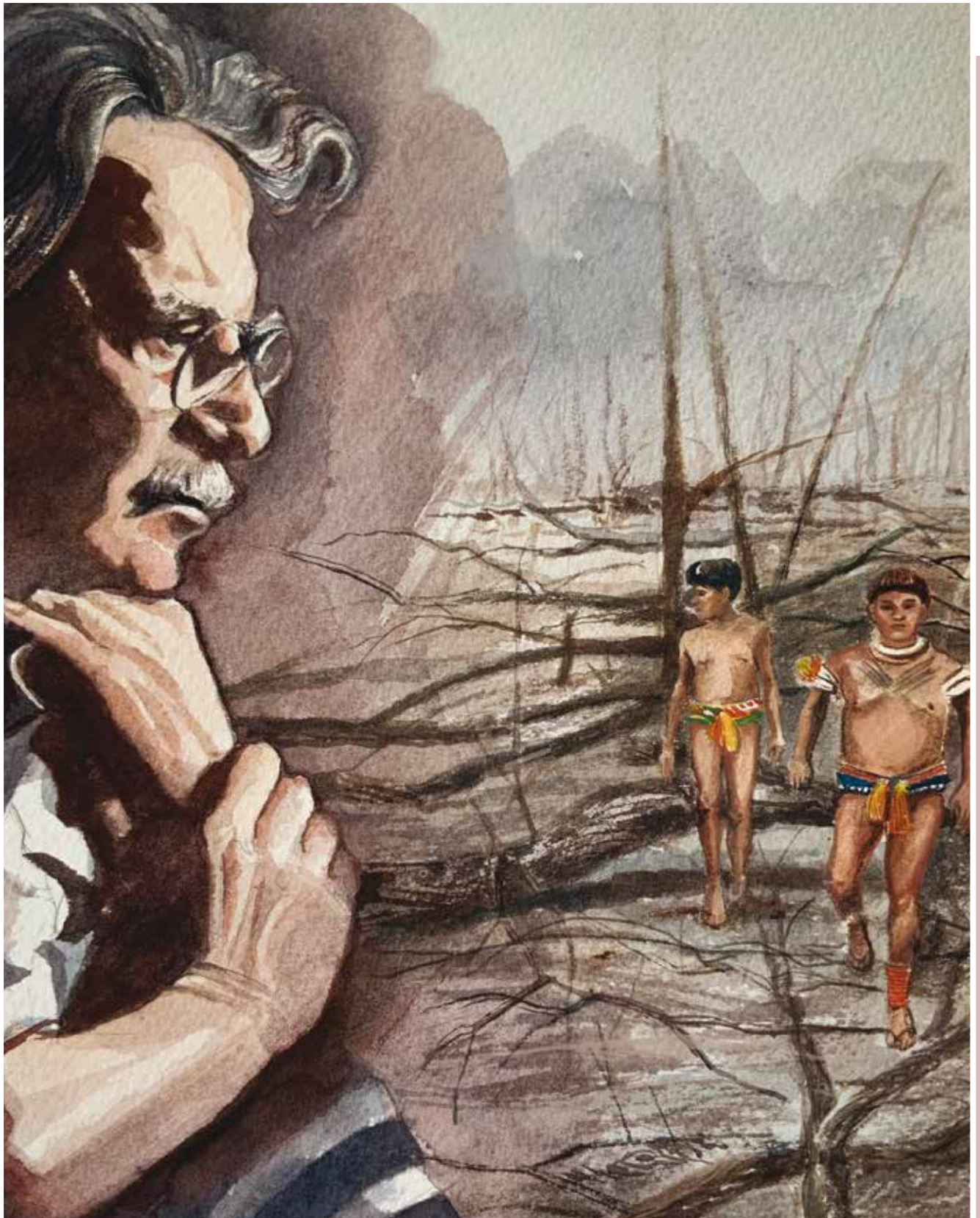
Talvez no mundo dos antepassados, onde deve estar agora, Darcy Ribeiro tenha compreendido isso. Talvez tenha se encontrado com Ruy Barbosa, que o inspirou a escrever “Noções de Coisas”, para um diálogo de sábios atemporais. Talvez já queira voltar a este mundo com o desejo de mais uma vez ajudar a salvá-lo.

Deter a poluição e a destrutividade passa por revisitar e restaurar a cultura primeva segundo a qual nos víamos como partes do todo, não nos considerávamos superiores à natureza e buscávamos o permanente equilíbrio vital com reverência pela Obra do Eterno.

Referência Bibliográfica

- *Noções de coisas* [livro eletrônico] / Darcy Ribeiro; ilustração Maurício Negro. — 1. ed. — São Paulo: Global Editora, 2022. ePub

“A vida é uma teia intrincada em que cada ser se relaciona com muitíssimos outros, numa coexistência de complementaridade e interdependência.”



O povo de Maíra

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG em Governador Valadares

Toda a saudação de abril em homenagem aos índios parece uma imposição meramente simbólica, com o propósito de adaptar e administrar as resistências cada vez menos fluentes nos estertores do extermínio. O genocídio indígena brasileiro, de que são exemplo contundente as recentes ocorrências na aldeia yanomami, se completa como ciclo por mais algumas etapas no horizonte de um futuro próximo.

É uma espécie de contagem regressiva provocada pelo choque cultural e a predominância da civilização caraíba que dissolveu os elementos de identidade dos grupos aborígenes brasileiros. Darcy Ribeiro, que foi grandioso como antropólogo e educador, trouxe esse brilhantismo para o campo da ficção na belíssima e emocionante narrativa do aniquilamento do índio brasileiro, com a mesma capacidade analítica e de resistência anímica.

No romance *Maíra* (Editora Record, 1996), Darcy parte do seu conhecimento catedrático e empírico como antropólogo e indianista, para configurar a história de extinção e sofrimento do povo *mairum*, envolvido na covarde esparrela civilizatória. Os *mairuns* (tribo fictícia) articulada na construção literária de Darcy sob a inspiração de dados e informações de grupos indígenas reais são representativos de todas as tribos, povos originários e nós que vamos ficando na descendência.

Não há respeito à autonomia, modo de ser e fazer. No contato entre as civilizações, como já predizia Lévi-Strauss, a convivência pela diversidade é esvanecida e se circunscreve a duas estratégias: matar o outro ou expulsar o outro do grupo social. Avá, é um índio *mairum*, cuja jornada é pautada pelo romancista Darcy no itinerário da captura pelo comando dos brancos.

Desde cedo é escolhido pela domesticação religiosa e introduzido na formação do sacerdócio. O rompimento com sua originalidade e raízes é verticalizado na dúvida e sentimento de culpa que o acompanha na sequência. Mudou de fé, hábitos e costumes, mas não conseguiu sair de si para ser outro. Não se viu reconhecido e pretende o regresso. Avá, que batizado se transforma em Isaías é afastado da projeção de ser o futuro cacique de sua tribo.

No retorno angustiado à tribo, depois da insuficiência da tentativa de mutação e conversão, em companhia de Alma, sua companheira de percurso, já no ambiente de seus pares compreende e é compreendida toda a sua angústia: perdeu a essência, a alma foi tomada pelos curupiras, um total desalento.

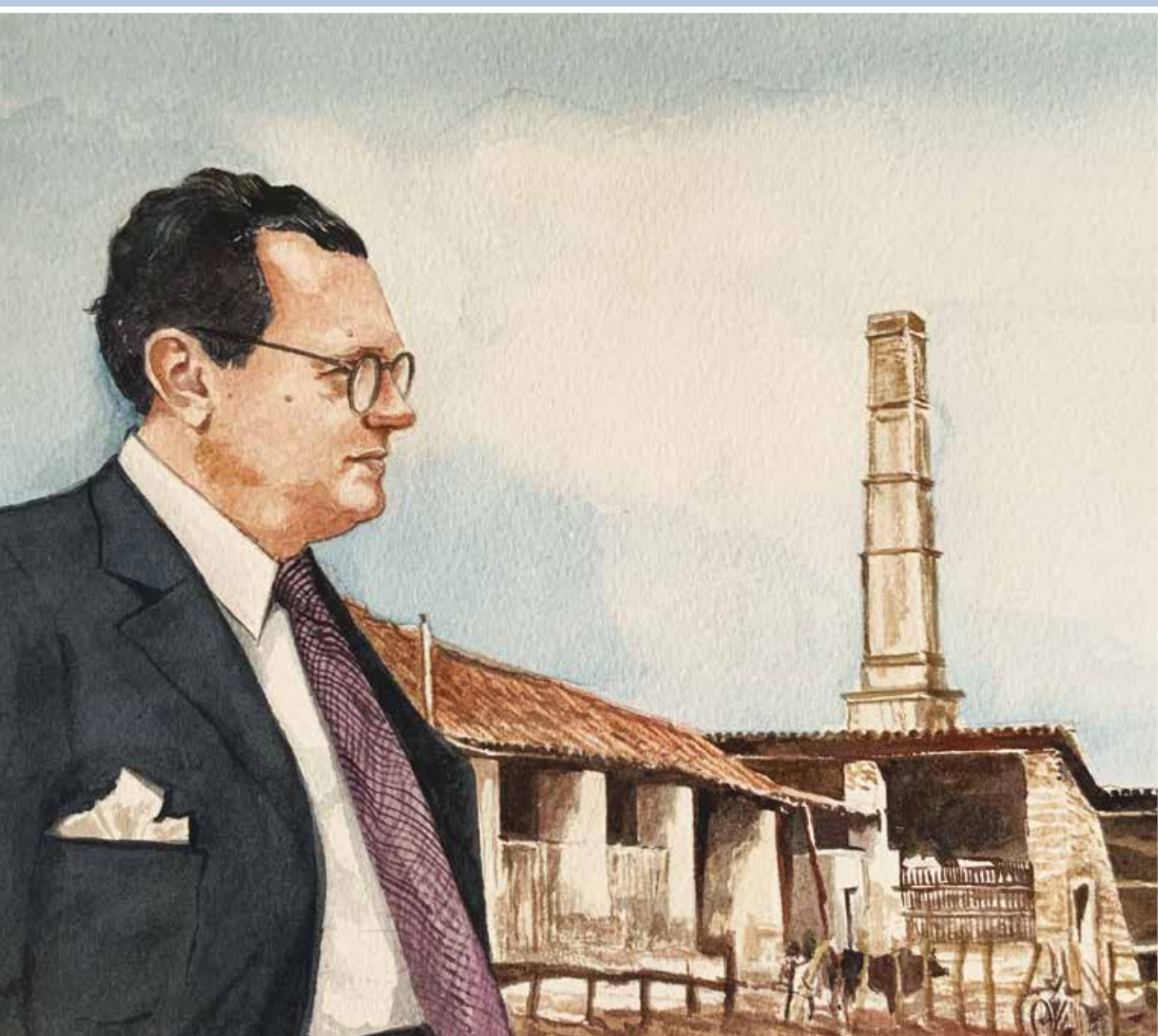
A mitologia religiosa indígena assume uma perspectiva de definição quanto ao presente e futuro indígena na visão do romancista Darcy. O deus daquela tribo, Maíra pai tem que lutar contra o filho, que lhe toma partes do corpo para pre-

miar em doação aos homens. E nesse confronto prevalece a força do filho em aliança com o irmão (Sol e Lua) em investida contra o Criador.

O que Darcy explicita com essa referência é a intensidade com a qual a civilização reputada moderna em conflito com a indígena, seleciona o corpo índio para suas admoestações transformadoras, a catarse referida como purificadora e que consagra a ligação com os céus civilizados. A dizimação dos índios *mairuns* é questão posta e consumada na crítica do antropólogo mineiro, reduzidos em área territorial, carcomidos pelos micro-organismos trazidos pelo homem branco, enfim, uma tragédia que não poupa ninguém.

Para que a causa indígena brasileira ultrapasse as boas intenções envelopadas nos meses de abril, precisa ser movida à custa da indignação, tal como sempre se indignou Darcy. Se deixarmos tudo como está, sucessivamente igual e previsível como um calendário, o estado de resignação que Darcy tanto desprezava, será o imobilismo que consolidará nossa energia de povo errático.

“A mitologia religiosa indígena assume uma perspectiva de definição quanto ao presente e futuro indígena na visão do romancista Darcy.”



José Lins do Rego

O escritor que contou histórias inspirado nos cantadores cegos nordestinos

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TjMG, aposentado

Ao jornalista a quem dissera que o povo brasileiro tem no romance de nossos dias “um interesse vigoroso”, levando-o a lhe perguntar que influências recebera dos mestres estrangeiros para a sua formação cultural, o romancista paraibano José Lins do Rego (1901-1957), autor de *Menino de engenho* – ele próprio um “menino de engenho” – respondeu: “[...] eu lhe falei dos cegos cantadores de feira da Paraíba e Pernambuco. Os cegos cantadores amados e ouvidos pelo povo, porque tinham o que dizer, tinham o que contar.”

Acrescentou que quando imaginava seus romances, pensava no jeito e nas maneiras simples dos cegos poetas. “Por conseguinte, o romance brasileiro não terá em absoluto que ir procurar os Charles Morgan ou os Joyce para ter existência real. Os cegos das feiras lhes servirão muito mais como a Rabelais serviram os menestrelis vagabundos da França.” (‘Coisas de romance’, em *Dias idos e vividos*).

O povo falando pela boca do romancista

Ao ser empossado em 15 de dezembro de 1956 na Cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras (ABL), José Lins assinalou: “Trago ao convívio de doutos e mestres a simplicidade de um falar ligado ao povo”. O poeta alagoano Ledo Ivo observou que “à língua inventada e pesquisada” pelo crítico literário paulista Mário de Andrade, José Lins “opunha a sua língua geopolítica, juncada pelas dicções das negras da cozinha do Engenho Corredor, das cantigas dos cegos cantadores e dos trabalhadores do eito [plantação], verdadeira melodia, doce como uma flor de açúcar e que, pela sua específica espontaneidade, está nos antípodas da escrita artística, de reinvenção vocabular e sintática, dos modernistas ortodoxos. À língua de fabricação pessoal de Mário de Andrade, ele replicava com a língua de fabricação do povo.” (ensaio em *O vulcão e a fonte*).

O romancista baiano Herberto Sales escreveu: “José Lins do Rego publicava um romance por ano. Mas era José Lins do Rego: era o ciclo-da-cana-de-açúcar, o Brasil se encontrando consigo mesmo, a terra carregando pela literatura adentro com os canaviais o drama do homem do Nordeste, na bela, agreste poesia de sua alma. Era uma literatura pulsante, o povo falando pela boca do romancista, e pelos olhos do romancista olhava

no horizonte uma esperança. Era uma literatura que ia com o romancista e na frente dele, como uma boiada que ele tangesse com o aboio do coração.” (‘Subsidiário 1.’ em *Confissões, memórias & histórias*).

No discurso com que o recebeu na ABL, o escritor pernambucano Austregésilo de Athayde afirmou: “Senhor José Lins do Rego: [...] Eu poderia recompor a minha pequena vida no sertão cearense com os fatos de vossa vida e, apenas mudando o nome, muitos dos coronéis, dos padres, dos agregados de engenhos, dos moleques e outras figuras que enchem de tumulto e realidade as vossas páginas estão em minhas memórias. Digo-o em louvor da vossa fidelidade de ficcionista, do poder autêntico da Arte que praticais como nenhum outro daquela estranha região brasileira, ao mesmo tempo tão árida e tão fértil.”

Biógrafo do poeta João Cabral de Melo Neto, autor de *Morte e vida severina*, Ivan Marques assinala que “foi em Pernambuco, na margem do Capibaribe, que primeiro se consolidou a cultura da cana-de-açúcar no Nordeste. Ali fixou raízes a primeira aristocracia de senhores de engenho, que se manteve poderosa até meados do século XIX, quando começou a entrar em decadência. Também à beira do rio nasceu e cresceu João Cabral, descendente da ‘nobreza de terra’. Poucos poetas brasileiros foram tão identificados com uma paisagem como ele foi com a do Capibaribe.” (João Cabral de Melo Neto – *Uma biografia*).

Fecundo inventor de casos e de almas

Em *Os mortos de Sobrecasaca*, o crítico literário pernambucano Álvaro Lins considerou *Fogo morto* volta do autor aos temas do *Ciclo da cana-de-açúcar*. E Mário de Andrade se entusiasmou: “Hoje vou saudar ‘Fogo morto’, gostei muitíssimo. Acho mesmo que o novo romance de Lins do Rego deixou em mim o ressaibo de obra-prima”. E, analisando outro romance dele: “‘Riacho doce’ não repete nenhuma das obras anteriores do seu autor, mas repete Lins do Rego em tudo quanto faz o romancista que ele é. O escritor de linguagem mais saborosa, colorida e nacional que nunca tivemos; o mais possante contador, o documentador mais profundo e fecundo e essencial da civilização e da psique nordestina; o mais fecundo inventor de casos e de almas.” (‘Riacho doce’, em *O empalhador de passarinho*).

Doze romances

Um dos mais importantes romancistas do chamado "romance nordestino", da década de 1930, crítico, ensaísta, tradutor, jornalista e poeta, mesmo não tendo escrito um poema sequer, inflamadíssimo torcedor de futebol, daqueles de arquibancada [era adepto do Flamengo], José Lins publicou doze romances, cinco do que denominou *Ciclo da cana-de-açúcar*, retratando a decadência dos engenhos de açúcar, na sua transição para as usinas:

Menino de engenho (1932)

Doidinho (1933)

Banguê (1934)

O moleque Ricardo (1935)

Usina (1936)

Os outros sete são:

Pureza (1937)

Pedra bonita (1938)

Riacho doce (1939)

Água-mãe (1941)

Fogo morto (1943)

Eurídice (1947)

Cangaceiros, em folhetim (1953)

Publicou também suas memórias, *Meus verdes anos* (1956), o infantil *Histórias da velha Totônia* (1936) e livros de ensaios, crônicas, tradução, conferências, tratando de arte, poesia, obras de arte, escritores, cidades do exterior para onde viajou.

Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, acentuou que "a força desse novo romancista, filho do sertão paraibano e impregnado de espírito nordestino, era refletir no seu enorme mural um problema social tipicamente nosso, a agonia de uma casta, o fim do patriarcado, o desmoronamento de um mundo." Mais que "o nosso sertanejo do Pilar, filho desse patriarcado rústico, vinha refletir nos painéis épicos do seu grande mural a morte dos banguês [engenho de açúcar movido a força animal], a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, em suma, a desumanização da economia pela mecanização da lavoura e com isso a ruína do patriarcado e a dispersão de um povo, descendente dos escravos de outrora, e ainda não fixado no trabalho livre."

O crítico carioca Astrojildo Pereira observou que *Usina*, último romance do *Ciclo da cana-de-açúcar*, "é a história da liquidação do banguê esmagado pela usina e da usina mais fraca esmagada pela usina mais forte." Considerou o ciclo "extraordinária narrativa que fixa admiravelmente um dos mais dramáticos momentos de transição na história do desenvolvimento do Nordeste brasileiro [...], com estes romances, traçou precisamente uma história viva, baseada não em monumentos inanimados de arquivos, mas sim em documentos de carne e osso, vivos e vividos." ('A vida e a morte no romance de José Lins do Rego', em *Crítica impura*).

O Nordeste acordou para a poesia, o romance e a crítica

Alceu Amoroso Lima observou que "foi por volta de 1930, no fim do decênio modernista, que o Nordeste acordou para a poesia, para o romance e para a crítica que tão desordenadamente surgira depois de 1920 em São Paulo e no Rio." [Referia-se à Semana de Arte Moderna, em 1922]. E foi o grupo nordestino, com escritores da estatura de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, Jorge de Lima [alagoano], José Lins do Rego, Gilberto Freyre [pernambucano], Rachel de Queiroz [cearense], José Américo de Almeida [paraibano], Jorge Amado [baiano], "de que José Lins do Rego representou de modo inconfundível o espírito, que veio dar ao Modernismo o novo alento com que se consagraria, já agora, como o sucessor das grandes escolas do passado – o Romantismo, o Naturalismo, o Romantismo – que haviam dominado o ambiente literário brasileiro do seu tempo."

Histórias da velha Totônia

Em *História da literatura brasileira*, a crítica literária italiana Luciana Stegagno-Picchio identificou em José Lins "espantosa capacidade de recompor um ambiente mental por meio da linguagem" e viu que ele "narra e não julga, brinca em identificar-se com os cegos cantadores das feiras populares." Observou também que, nascido em engenho, ele permaneceria sempre o menino retratado em *Menino de engenho* e mais tarde repropósito em *Meus verdes anos*. "Ele vai contar-se ao espelho, por um quarto de século, histórias de engenhos de açúcar em decadência, de míticos coronéis onipotentes, de coronéis em declínio, de amas-de-leite negras, de escravos fugidos, de amores e namoricos entre escravos e senhores, de pianos que soam absurdamente nas noites do engenho, sob os pálidos dedos de uma senhora de casa-grande."

“E ainda cegos que escandem, com o metrônomo do passo e do bastão, o espaço-tempo que separa um engenho de outro; chaminés de engenhos, em torno dos quais gravita, como ao redor de igrejas de povoado, a vida dos homens; e moleques mulatos, brancos, negros, apinhados no pequeno espaço que separa casa-grande e senzala para tentar as primeiras, degradadas, alucinantes, experiências sexuais com animais; e bandidos, cangaceiros, e beatos; e ainda histórias, ou melhor estórias, narradas pelas velhas ou pelos cegos como aedos míticos que misturam Carlos Magno (...) e o último delito da crônica, parábolas edificantes e malícias obscenas.”

Em *Menino de engenho*, premiado em 1933 pela Fundação Graça Aranha, o autor revela seu grande interesse pelas histórias que a *velha Totônia* contava na casa-grande do engenho de seu poderoso avô, com quem residia. Uma delas sobre o naufrágio de um pacote nas costas de Pernambuco, descrito em versos com vários incidentes, como o de uma velha se salvando num garajau de galinhas e o de um homem rico [...] correndo ao camarote para buscar um pacote de dinheiro e não voltando mais, ficando no fundo com a sua riqueza.

Leitura de Leota e inspiração nos cantadores cegos

José Lins seguramente entrou em contato com a poesia popular coletada diretamente pelo advogado, escritor e jornalista Leonardo Mota, o Leota [sem parentesco conosco], tanto que o folclorista e historiador norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo afirmou, ao prefaciar o primeiro livro de Leota, *Cantadores*, lançado no Rio de Janeiro em 1921: “*Nos primeiros arrancos do entusiasmo, José Lins do Rego chamou-o taquígrafo dos cantadores e eu, Embaixador do Sertão.*” (*‘Cantadores.’ Poesia e linguagem do sertão cearense* 5ª. ed.).

Cantadores “*são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios*”, define Leota. Cascudo ressalta que “*Leonardo Mota estudou o cantador na intimidade matuta, ouvindo-o no sertão, o que não significa o mesmo que entendê-lo numa sala cidadina*”. Acrescentou: “*Ouvi-lo era ver o sertão inteiro, tradicional e eterno, paisagem horizontal dos tabuleiros, candelabros de mandacarus, vulto imóvel das serras misteriosas, ondulação verde do panasco na babugem [erva de pasto recém-nascida]; vozes, cantos, benditos, aboios, feiras, cangaceiros, cantadores, assombrações, chefes políticos, analfabetos, imortais, populares, soldados, comboieiros, luares, entardecer...*”

Mais adiante: “*Das dezenas de cantadores ouvidos [há um século], selecionou cinco, talvez os mais expressivos, naturais e completos, como improvisadores e memorializadores. Os nomes ficaram nacionais. Os cegos Aderaldo e Sinfrônio, Anselmo, Passarinho e Serrador. Os cegos tocavam rabeca. Os demais eram violeiros.*”

No capítulo de *Cantadores* sobre Aderaldo, afirma Leota: “*Se o cantador cego Aderaldo [Ferreira de Araújo] foi, inquestionavelmente, o de voz melhor com quem hei tratado, está, ainda, entre os de mais apreciável veia poética.*” Acrescenta que o cego Aderaldo já tinha “*inteirados quatro lustros de exercício da profissão de cantador, pois, havendo cegado aos dezoito anos, desde então se dedicou à vida de menestrel, através de todo o Norte. O desditoso vate popular perdeu a visão quando maquinista e num desastre da Estrada de Ferro de Baturité.*”

“[...] o autor revela seu grande interesse pelas histórias que a velha Totônia contava na casa-grande do engenho de seu poderoso avô, com quem residia.”

Leota: *“Sempre me apiedaram imenso os cantadores cegos. Nos patamares dos templos sertanejos, enlevante lirismo se apura nos descantes desses infelizes, em quem a necessidade das improvisações contínuas desenvolve as faculdades intelectivas, na estratégia e treinamento das súplicas inteligentes.”* [Na *Antologia da literatura de cordel*, de Sebastião Nunes Batista, consta que o jornal *O povo português* registra que no passado se concedera em Portugal, por provisão régia, o privilégio de os cegos venderem as “folhas soltas” de literatura oral].

Órfão de mãe, um menino triste

Filho do senhor de engenho João do Rego Cavalcanti e de Amélia Lins Cavalcanti, e neto, também, de senhor de engenho, José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, município de Pilar, do seu avô materno, o coronel José Lins. Órfão de mãe desde muito cedo, asmático, com tormentos de saúde, destemperos de sexo [...], o pai distante de casa, ficou aos cuidados da tia Maria Lins, sua “segunda mãe”, também precocemente falecida. Em face dos cuidados excessivos da casa-grande com o “senhorzinho”, afirmou que o neto de um homem rico tinha inveja dos moleques da bagaceira, livres para correr e tomar banho no rio. Ao apresentar *Meus verdes anos*, escreveu: *“Não há nada mais triste que um menino triste.”*

Estudou de 1909 a 1912 num internato de Itabaiana, depois mudou-se para *Parahyba do Norte* [nome anterior de João Pessoa] e em 1915 para o Recife, onde foi colega, no Ginásio Pernambucano, do escritor Ariano Suassuna. Ingressou em 1919 na Faculdade de Direito do Recife, passou a colaborar no *Diário do Estado da Paraíba* e fundou em 1922 o semanário *Dom Casmurro*. Formou-se em 1923.

Austregésilo de Athayde diz no discurso de posse de José Lins na ABL que ele sequer sabia onde eram as salas de aula e a muitos professores só conhecia pelo nome. Num discurso que escreveu, mas não o pronunciou, ele próprio narrou: *“O estudante José Lins do Rego era íntimo de todas as agitações da escola, gritava pelos corredores, cantava em voz alta árias de operetas da moda, botava apelidos e se fizera o terror em arruaças de rua e boêmia. Rapaz perdido, o aluno péssimo do Dr. Amazonas, bacharel de 1923, que não entrou no quadro de formatura porque consumiu em cerveja da Rua Santo Amaro as verbas do avô.”*

José Américo, o precursor

O escritor e político paraibano José Américo de Almeida, nascido no engenho Olho d’água, município de Areia, ex-governador da Paraíba, grande amigo de José Lins, lançou *A bagaceira* em 28 de fevereiro de 1928, antes, portanto, de *Menino de engenho* e de outros romances nordestinos chamados “modernistas”. A obra, que teve quatro edições em 1928, trouxe um glossário do autor, atualizado depois pelo crítico literário M. Cavalcanti Proença.

O crítico André Seffin considera *A bagaceira* precursor *“no que ele tem de mais característico, isto é, o apego ao regional e um registro de um mundo em decadência (o da sociedade patriarcal)”* (contracapa da 43ª edição da obra, pela José

“Pior é quem viu e cegou”

Conta Leota que uma tarde, durante a festa da Padroeira, ele ia pela estrada que conduz ao Santuário da Virgem, na serra do Baturité. *“No caminho (...) cegos e aleijados imploravam a piedade adormida dos visitantes da capelinha branca.*

“Duas vezes me cativaram a atenção. Eram dois cegos que, cantando, estendiam as magras mãos pedintes de óbolos. Disse um deles:

*Tenham pena deste cego,
Filhos da Virge Maria,
Eu sou cego de nascença,
Nunca vi a luz do dia!*

Parei, comovido. O outro cego cantou, por seu turno, ainda mais me apiedando, pois lindamente significou quão maior era a sua desgraça:

*Quem nasceu cego da vista
E dela não se lucrou
Não sente tanto ser cego
Como quem viu e cegou.*

Olympio Editora). O próprio autor não considerou o romance “modernista”, mas afirmou que a “*bagaceira’ humana dos engenhos, o sertão, o jagunço, o retirante, a seca, [...] parece ter criado mais que os conhecidos elementos deflagradores do romance brasileiro pós-1930.*”

José Américo conheceu José Lins quando este, rapazola, estudava no Recife e ia da Várzea do Paraíba passar dias na capital paraibana [Filipéia durante a dominação holandesa, depois Parahyba e, desde a Revolução de 1930, João Pessoa, homenagem ao então presidente do Estado, assassinado no Recife por desafeto político]. “*Ninguém dava nada por ele. Com um ar distraído, rueiro, não esquentando lugar, negligente no andar, no sentar-se, no falar, a disparar, de vez em quando, uma risada inesperada – eis a figura bonachona que iria amadurecer sem mudar em quase nada esse perfil original [...]*”

“*Comecei a olhar para ele. No meio daquela leseira, sobressaía algo de estranho. Estando fora da bitola, tinha-se que se observar o que carregava consigo, e era um imenso talento. Tomou-me como uma espécie de diretor espiritual, a fazer-me confidências. Arranjara uma namorada que eu conhecia de vista, e tinha a idade de ser sua mãe. Passados alguns dias, contou-me, todo pimpão, que a havia beijado [...]*”. Desconfiou de que o que atraía José Lins não era propriamente a sua pessoa, mas a sua biblioteca, “*pela gula com que se deixava ficar a revistar os livros [...]*”

Conta ainda que José Lins foi promotor público, [em Manhuaçu, Minas Gerais, de 1925 a 1926], “*mas só teria cabeça para a sua predestinação. Seria sempre assim. Como fiscal de consumo, nunca impôs uma multa. Seu colega Barros de Carvalho ensinou-lhe, em Cabo Frio, como se lavrava um auto de infração. Ficou tudo feito, mas, de regresso para o Rio, perdeu o processo no trem.*” Ledo Ivo disse que, em Manhuaçu, José Lins leu Marcel Proust.

Três filhas, preocupação social, flamenguista

José Lins se casou em 1924 com a prima Filomena Massa (*Dona Naná*). Tiveram três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina. Em setembro de 2022, quando escrevíamos este texto, Elizabeth e Christina moravam no Rio de Janeiro, e a outra irmã já falecera. Em 1981, quando ele completaria 80 anos, Elizabeth refutou, na contracapa de *Dias idos e vividos*, a imagem de que o pai era *sensível, generoso, mas desligado, ou até alienado, dos aspectos mais dolorosos da vida, sem assumir qualquer tipo de compromisso político ou ideológico.*”

“*Nada mais falso. Quantas vezes, menina ainda, não o vi duramente amargurado, diante do atraso de nosso povo, consciente de suas causas econômicas e políticas [...] Era “forte na defesa dos amigos, amante das letras e dos literatos, mas apaixonadamente voltado para a cultura popular, a ponto de ‘matar ou morrer’ por seu clube de futebol, o Flamengo.*”

É exato. Em 2022 estivemos no Museu José Lins do Rego, no Espaço Cultural de João Pessoa. Sua diretora, Carminha Pereira Diniz, com inescondível orgulho, retirou de uma caixa de tampa envidraçada suas carteiras de sócio proprietário e de sócio contribuinte (nº 4079) do Flamengo. No acervo vimos fotos e outros registros ligando-o ao futebol, como o de dirigente interino da antiga CBD (atual CBF), em 1950, e o de

Uma queda no mar e uma entrevista

Além de escritor, José Américo de Almeida teve intensa participação na política brasileira, marcada por dois acontecimentos.

Um deles foi quando o “*Savoia Marchetti*”, hidroavião da Marinha em que, como ministro da Viação e Obras Contra as Secas, sobrevoava região nordestina abrasada pela seca, caiu no mar na noite de 26 de abril de 1932. Narrando o episódio, o romancista contou que antes, “*no Rio Grande do Norte, beirando a Paraíba*”, vira, do alto, “*uma carga de caçuás [cestos] cheia de menino, e em Fortaleza deixaram um bando deles acabados.*” Na amerissagem, o avião, na rota Maceió-Salvador, espatifou-se “*nos mares baianos de Itapagipe.*” Antenor Navarro, interventor da Paraíba, sentado a seu lado num caixão de gasolina, e mais dois técnicos não sobreviveram. Américo relata que afundou e “*quando bracejava já sem fôlego [...] deu-se o impossível. Vim à tona, sem nenhum esforço, como empurrado de baixo para cima. O mar que me engolira vomitou-me. [...] Foi quando dei com um fio a que me agarrei. Conduziu-me este guia ao arcabouço que boiava e eu não enxergava.*” Fraturou o fêmur da perna direita, mas escapou.

O segundo episódio marcante foi a vigorosa entrevista que deu a Carlos Lacerda, no jornal *Correio da Manhã*, em 24 de fevereiro de 1945, e que abriu caminho para a queda da ditadura do ‘Estado Novo’, de Getúlio Vargas (*Eu e eles e O boqueirão*). José Américo havia sido ministro de Vargas, mas se afastara dele em 1937, quando ele deu o golpe e instaurou a ditadura. Ele voltaria a ser ministro em 1951, com a volta de Getúlio ao poder, pelo voto.



“José Lins extraiu da cana-de-açúcar toda a doçura cheia de nós da expressão que criou [...] Pegou-a na boca do povo com toda a sua frescura e modelou-a.”

integrante da delegação do time em viagem à Europa, em 1951.

O escritor, que fez de um jogador de futebol, Joca, personagem do romance *Água-mãe*, foi uma das cerca de duzentas mil pessoas que viram no Maracanã o Brasil perder a Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, vê-se na sua crônica *O caráter do brasileiro (O vulcão e a fonte)*. Em outra, *Fôlego e classe*, diz: “Na verdade, uma partida de futebol é mais alguma coisa que um bater de bola, que uma disputa de pontapés. Os espanhóis fizeram de suas touradas espécie de retrato psicológico de um povo. Ligaram-se com tanta alma, com tanto corpo aos espetáculos selvagens que com eles explicam mais a Espanha que com livros e livros sociológicos”. Diz ainda que no campo ficava no meio de todos, sentindo-os como irmãos, “nas vitórias e nas derrotas.”

“Violentamente vital”

Em 1926, José Lins abandonou o cargo de promotor e foi nomeado fiscal de bancos em Maceió, ali passando a conviver, dentre outros, com o escritor Graciliano Ramos, o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, o poeta Jorge de Lima, a escritora Rachel de Queiroz, autora, aos vinte anos, do romance *O quinze*. Tornou-se correspondente de *A província*, de Pernambuco, na época dirigido por Gilberto Freyre, seu grande amigo e orientador de sua obra literária.

Precisava se estabelecer profissionalmente. Suceder o avô como senhor de engenho daria projeção e poder. Mas ele dizia que não sabia fazer nada, não tinha vocação para aquela exploração da terra. Segundo José Américo, José Lins *extraiu da cana-de-açúcar toda a doçura cheia de nós da expressão que criou [...] Pegou-a na boca do povo com toda a sua frescura e modelou-a. Não é, contudo, a gíria; é o linguajar do homem comum, a fala da sala e da cozinha, do engenho e da cidade.* (Eu e eles).

Habitado, a vida inteira, a escrever para jornal, Zé Lins, já no leito hospitalar e poucas semanas antes de falecer, ditou a Ledo Ivo seu último artigo, sobre ficção inglesa e prosa poética, publicado em *O vulcão e a fonte*. Pediu ao amigo um ensaio sobre algum aspecto de sua personalidade literária. Foi atendido. O livro saiu pelas Edições Cruzeiro. Morreu de hepatopatia (doença do fígado) em 12 de setembro de 1957, às 1h15min, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Foi velado na ABL e sepultado no Cemitério de São João Batista, Rio.

No primeiro ano do falecimento, o poeta e jornalista Augusto Frederico Schmidt publicou crônica em O GLOBO de 22 de setembro de 1958, para “dedicar ao autor de *Banguê* algumas linhas de saudade neste jornal em que ele escreveu as suas crônicas, pitorescas, naturais, apressadas.” Elogiou sua bondade, generosidade e senso de justiça, e afirmou que em meio à crise por que passava, com calúnias, e à injusta campanha contra ele, Schmidt, “muitas vezes me chegava um apoio corajoso, público, decidido e amplo desse morto que foi uma das criaturas mais violentamente vitais que conheci.”

Engenhos, a origem comum de Nabuco e José Lins

Remanescem ainda casas-grandes da indústria açucareira nordestina, como a do Engenho Corredor, perto de João Pessoa, e a do Engenho Massangana, próxima do Recife, esta notabilizada por ter sido a residência – dos dois aos oito anos de idade, aos cuidados de ama-de-leite e madrinha – de Joaquim Nabuco, escritor, político, jurista, diplomata, um dos principais líderes abolicionistas do país. Gilberto Freyre criou em 1949, na região metropolitana do Recife, a Fundação Joaquim Nabuco, ligada ao Ministério da Educação e Cultura, para preservar o acervo dele e fomentar pesquisa e conhecimento. Ambas estão abertas ao público.

Em suas memórias, o clássico *Minha formação*, Joaquim Nabuco afirma que passou o período inicial de sua vida, “*tão remoto, porém, mais presente do que qualquer outro*”, em um engenho do Cabo de Santo Agostinho, sua província natal. Ao voltar, com 20 anos, ao cenário da infância, relembra que “*A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo.*” Na frente da casa-grande [que passou por alterações], reviu a escada externa em que numa tarde, ali sentado, o menino viu “*precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça a meus pés suplicando, pelo amor de Deus, que o fizesse comprar por minha madrinha, para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi esse traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.*”

Prossegue: “*Nunca se me retira da vista esse pano de fundo da minha primeira existência. [...] No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação do terreno, a capela sob a invocação de S. Mateus. Pelo declive do pasto, árvores isoladas abrigavam, sob sua umbela impenetrável, grupos de gado sonolento. Na planície estendiam-se os canaviais cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca.*” Era por essa água quase dormente sobre os seus largos bancos de areia, que se embarcava o açúcar para o Recife.” [...]

“*Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante; pedaços inteiros da planície transformavam-se em uma poeira de ouro; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsâmica, depois o silêncio dos céus estrelados majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas que cercava o engenho e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois...*”

“Foi esse traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.”

A viagem “mais que sentimental” ao Engenho Corredor

Repetindo Nabuco, trinta anos depois de sair José Lins, pleno de saudade, retornou ao Engenho Corredor, como se lê em *José Lins do Rego*. Modernismo e regionalismo, de José Aderaldo Castello: “O cheiro da bagaceira, a fumaça doce da ‘casa de caldeiras’, o gemer dos carros de boi, deram-me um tempo perdido em corpo inteiro. Senti-me do passado, dos tempos do meu avô, como se fosse o Dedé do moleque Ricardo. E assim a vida do quarentão meio murcho recobrou o viço dos dias de novilho solto, de canga e corda.”

“O trem corria pelo meio dos partidos de cana. As terras de minha infância apareciam do outro lado do rio. Lá estava o Corredor, com o cata-vento, a casa-grande de pilastra, a terra amada de meu avô, matriz dos outros engenhos que saíram de suas várzeas de cana e de seus altos de algodão. A minha vida de menino retornava às origens, ao berço ido, às fontes queridas. Senti que ali estava o velho José Lins, o maior de todos, bom como o pão, o grande homem sem uma gota de fel no coração, que era doce como o açúcar purgado de suas formas.”

“Foi quando um velho levantou-se de seu lugar e nos disse, em voz alta:

‘Por acaso, estão vendo a igreja do Pilar? Ali me casei, há cinquenta anos. Já não enxergo quase nada.’

“O homem levantou-se. Os seus olhos da cara não viam as torres da igreja, mas viam muito bem os seus olhos da alma. E, de tanto ver, começaram a verter águas que lhe vinham das entranhas. Chorava o velho choro de uma ternura mansa de fim de vida. Foi-se o trem do Pilar e o passageiro triste afundou a cabeça no boné de casimira.”

“Agora quem queria chorar era o cronista desta viagem mais do que sentimental. Era o meu tempo morto que começava a bulir com as minhas recordações. E me chegava o menino de engenho que saía para o colégio de Itabaiana. Fora-se o sobrado cor de oca, da ‘galhofa’ dos juremas. O rio comera pedra por pedra. E aos poucos vinha chegando Itabaiana. A torre rosada da igreja aparecia no céu carregado de chuva. Nos meus tempos de menino, aquela torre queria dizer que estava chegando às grades do meu internato de palmatória, de mestre mais duro que a sua madeira de suplício. Mesmo assim, com todos os castigos impiedosos, bem desejava que tudo voltasse para mim.”

“O homem levantou-se. Os seus olhos da cara não viam as torres da igreja, mas viam muito bem os seus olhos da alma. E, de tanto ver, começaram a verter águas que lhe vinham das entranhas.”

Referências bibliográficas

Obras de JOSÉ LINS DO REGO:

- *Ficção completa*, em dois volumes. 1ª.ed., 1976. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar;
- *Menino de engenho*. 1ª. ed. São Paulo: Global Editora, 2020;
- *Fogo morto*, 82ª. São Paulo: Global Editora, 2021;
- *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981;
- *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958;

OUTRAS:

- Leonardo Mota. *Cantadores* (Poesia e linguagem do sertão cearense), 5ª. ed.: Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1921;
- Luciana-Stegagno-Picchio. *História da literatura brasileira*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2004;
- Alceu Amoroso Lima. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971;
- Álvaro Lins. *Os mortos de sobrecasaca* (Ensaio e estudos). 1ª. ed. – 5º. milheiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963;
- Mário de Andrade. *O empalhador de passarinho*, 3ª. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972;
- Sebastião Nunes Batista. *Antologia da literatura de cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977;
- Cícero Sandroni. Laura Constância A. de A. Sandroni. *Austregésilo de Athayde. O século de um liberal*. Rio de Janeiro: Agir, 1998;
- José Américo de Almeida. *A bagaceira*, 43ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1928;
- José Américo de Almeida. *O boqueirão*, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura–MEC, 1971;
- José Américo de Almeida. *Eu e eles*. Benfica (GB): Editora Nosso Tempo, 1970;
- Astrogildo Pereira. *Crítica impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- Joaquim Nabuco. *Minha formação*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004;
- Ivan Marques. *João Cabral de Melo Neto. Uma biografia*, 1ª. ed. São Paulo: Todavia, 2011.
- Herberto Sales. *Subsidiário 1: Confissões, memórias & histórias*, 2ª. ed. São Paulo: Realizações, 2009.

“Nos meus tempos de menino, aquela torre queria dizer que estava chegando às grades do meu internato de palmatória, de mestre mais duro que a sua madeira de suplício.”



Nélida Piñon

Pós-modernista, abriu caminhos para a literatura de mulheres

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG

Nascida em 3 de maio de 1937, no Rio de Janeiro, filha de Lino Piñón Muíños e Olivia Carmen Cuiñas Morgado, herdou do avô materno – Daniel Cuiñas Cuiñas – o nome em anagrama. Daniel tornou-se Nélida. Faleceu em 17 de dezembro último, aos 85 anos, em Lisboa, Portugal, após ter ficado internada por três meses para tratar de problemas na vesícula.

Fez parte dos escritores da geração pós-modernista brasileira e é tida como uma das mais relevantes escritoras da Língua Portuguesa do seu tempo. Formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Infância na livraria

Desde menina afeiçoara-se às letras. Ainda criança, escrevia histórias e as vendia aos pais e parentes. Contava com 12 anos quando o pai lhe abriu uma conta na Livraria Freitas Bastos, no Largo da Carioca. Toda semana ela ia da Vila Isabel até o centro do Rio para escolher um livro. Tornou-se assim, ao longo da vida, dona de uma biblioteca de mais de oito mil livros.

Sua escrita era original, inovadora e independente, tendo sido reconhecida pela força da narrativa. Era descendente de galegos, mas sua obra veio permeada de temas como identidade nacional brasileira, estética, memória e resistência, sexualidade e a dispersão forçada do povo africano pelo mundo atlântico – a Diáspora Africana. Sofreu influência de grandes nomes da literatura nacional e era admiradora de Machado de Assis. Dizia que nós, brasileiros, que temos alguém como ele “*não temos pretexto, ou justificativa para qualquer fracasso*”.

Sobre o ofício de escrever, disse ela:

Não sei que mestre, que mágico, que mãe misericordiosa, que amor desfeito na aluvião das montanhas me transmitiram a caprichosa convicção de que a palavra, espúria e nômade, tinha o dom de costurar todos os sentimentos. E que a palavra ainda, associada à história secreta das nações e ao enredo indecifrável do destino humano, se tornava a única chave com que forçar a porta do mundo, lacrada com cera e enigmas.

Ousadia e “força de raiz”

Multifacetada, atuou em várias vertentes da arte, inclusive cinema, carregando os créditos de dramaturga, ensaísta, poeta, tradutora e escritora, inclusive de livros infanto-juvenis. Publicou mais de 20 livros. Suas obras foram traduzidas para mais de 30 países, tendo recebido vários prêmios ao longo de mais de 60 anos de atividade literária.

Em 2005, foi agraciada com o importante prêmio Príncipe das Astúrias, considerado o Nobel da Espanha. Destacam-se, ainda, o Prêmio Internacional Juan Rulfo de Literatura Latino-Americana e do Caribe, em 1995, na primeira vez que foi concedido a uma mulher e a um autor de Língua Portuguesa; o da Bienal Nestlé, categoria Romance, pelo conjunto da obra, em 1991; o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o Prêmio Ficção Pen Clube, ambos em 1985, pelo romance “*A República dos Sonhos*”.

Seu primeiro romance foi *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, publicado em 1961, no qual aborda temas como o pecado, o perdão e a relação dos mortais com Deus. Em 1966 escreveu *Tempo das Frutas*, uma coletânea de histórias. No romance *A República dos Sonhos* (1984) o tema relaciona-se à sua ascendência, ao narrar a história de uma família que emigrou para o Brasil da Galícia. Sobre seu romance *A Casa da Paixão* (1972), escreveu Carlos Drummond de Andrade: *Que força de Raiz em A Casa da Paixão, que esplendor de vida impetuosa e gritando por todas as palavras!*

Este livro revelou a ousadia da escritora contra a censura da ditadura militar, pois abordava o tema da sexualidade feminina e da livre relação da mulher com seu corpo, no tormentoso ano de 1972, em que tal tema era considerado um grande tabu. Para Nélida, defensora das liberdades, não poderia haver qualquer forma de censura ou discriminação.

Pioneirismo

Nélida Piñon foi escritora, intelectual e a primeira mulher, em 100 anos, a presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL), exatamente no ano de seu centenário. Foi eleita para a ABL em 27 de julho de 1989 e tornou-se a quinta ocupante da cadeira número 30, sucedendo a Aurélio Buarque de Holanda, no dia 3 de maio de 1990, sendo recepcionada pelo acadêmico Lêdo Ivo. Ter sido a primeira mulher a ocupar tal

“Não acreditava na existência de uma “escrita feminina”, pois para ela o esforço que o escritor faz é o de unir o masculino e o feminino buscando sentido no universo de cada um.”

cargo demonstra o quanto ela estava à frente do seu tempo, dinâmica, atuante e engajada politicamente.

Foi professora na Universidade de Miami por sete anos e a primeira mulher a receber o título de *Doutora Honoris Causa* da Universidade de Santiago de Compostela, em 1998. Humanista, entendia a relevância do saber histórico e suas implicações sociais.

Dedicou-se à causa das mulheres negras, tendo sido, em 1989, uma das fundadoras da Liga das Mulheres Negras no Brasil, organização feminista de luta política cuja principal missão é lutar por direitos iguais e melhores condições para as mulheres mais vulneráveis à pobreza, violência e desigualdade.

Não acreditava na existência de uma “escrita feminina”, pois para ela o esforço que o escritor faz é o de unir o masculino e o feminino buscando sentido no universo de cada um. Caberia ao leitor, pois, receber o texto em uma dessas formas, de acordo com o seu sentir.

Música no texto

Dentre as delicadezas e histórias pessoais da autora, João Luiz Sampaio narra, em matéria publicada no jornal ESTADO DE MINAS, em 19/12/22, que ela “escrevia ouvindo músicas clássicas e óperas. Normalmente era Tchaikovsky, mas para escrever cenas mais arrebatadoras, ouvia Wagner ou Verdi”. Segundo o texto, toda a obra da escritora recende à musicalidade desse hábito.

Era filha única, não tinha parentes, tampouco filhos, mas possuía inúmeros amigos. Dentre eles destaca-se o escritor peruano e detentor do Prêmio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa.

Quando do Nobel a ele concedido, a escritora manifestou-se: *Mário é um excepcional escritor e uma das melhores consciências da América Latina*. Relembre-se que o escritor dedicou seu romance *A Guerra do Fim do Mundo* (1981), obra sobre a Guerra de Canudos, a “*Euclides da Cunha no outro mundo e a Nélida Piñon neste mundo*”. Os originais deste último livro foram doados por ele à escritora e com a morte desta deverão ser entregues ao Instituto Cervantes do Rio de Janeiro, a quem ela já confiara seu acervo de 8.000 livros.

Com seu falecimento, o Brasil perdeu uma das maiores representantes da literatura brasileira, ainda que não tenha sido lida e reconhecida como escritora pelo grande público.

Mulher de vasta cultura, pioneira, intensa, atenta aos problemas sociais e já tornada imortal na Academia Brasileira de Letras e em suas obras, fez-se, doravante, imortal no coração dos amigos e do povo brasileiro.

Obras da autora

- *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (romance). Rio de Janeiro: Edições GRD, 1961
- *Madeira Feita Cruz* (romance). Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963
- *Tempo das Frutas* (contos). Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1966
- *Fundador* (romance). Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969
- *A Casa da Paixão* (romance). Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1972
- *Sala de Armas* (contos). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973
- *Tebas do Meu Coração* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1974
- *A Força do Destino* (romance). Rio de Janeiro: Editora Record, 1977
- *O Calor das Coisas* (contos). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980
- *A República dos Sonhos* (romance). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984
- *A Doce Canção de Caetana* (romance). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987
- *O Pão de Cada Dia* (fragmentos). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994
- *A Roda do Vento* (romance infanto-juvenil). São Paulo: Ática, 1996
- *Até Amanhã, Outra Vez*. Rio de Janeiro: Record, 1999
- *O Cortejo do Divino e outros Contos Escolhidos*. Porto Alegre, 1999
- *O Presumível Coração da América* (discursos). Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2002
- *Vozes do Deserto* (romance). Rio de Janeiro: Record, 2004
- *O Ritual da Arte, ensaio sobre a criação literária* (inédito).
- *La Seducción de La Memória*, México, ensaios inéditos no Brasil, México, 2006
- *Aprendiz de Homero* (ensaios). Rio de Janeiro: Record, 2008
- *Coração Andarilho* (memórias). Rio de Janeiro: Record, 2009
- *Livro das Horas*. Rio de Janeiro: Record, 2012
- *Filhos da América*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016

Observação: a maioria de suas obras foi reeditada em 1998 pela Editora Record.

Obras traduzidas

- Nélida Piñon tem obras traduzidas em mais de 20 países, entre as quais Alemanha, Argentina, Colômbia, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Polônia, Portugal e Rússia.

Referências bibliográficas

- Abranches, Sérgio. *in* Texto da Internet
- Sampaio, João Luiz. *in* Jornal ESTADO DE MINAS de 19/12/2022.
- Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/>
- Correio Braziliense, 19/12/22
- Site da Academia Brasileira de Letras: <https://www.academia.br/academicos/nelida-pinon/>
- Jornal O Globo, seção Livros, 17/12/2022
- Jornal O Globo, Segundo Caderno, texto do Silvio Essinger, 18/12/2022
- Programa Roda Viva, TV Cultura / Youtube, 1997 e 2014



Serenata

Encravada há séculos na alma mineira

Manoel Hygino dos Santos

*Jornalista, escritor,
membro da Academia Mineira de Letras**

Em 1917, por feliz e premonitória coincidência, nasceram Herivelto Martins e Dalva de Oliveira, que anos mais tarde seriam responsáveis, respectivamente, pela composição e gravação do hino oratório *"Ave Maria do morro"*, uma das perenes canções da música popular brasileira.

Mas, duzentos anos antes, em 1717, o viajante francês Guy la Barbinais le Gentil já aparecera no Brasil trazendo consigo as serenatas hoje mencionadas em livros. A história, contudo, revela que o costume remonta a antes da era medieval.

Lá como cá, cantigas para as amadas

Com o Trovadorismo, na Idade Média, começou-se a enraizar o costume de cantar à donzela amada, sobretudo na Península Ibérica. Portugal e Espanha se afeiçoaram ao canto amoroso, enquanto outros povos aderiram também às cantigas "de amigo", "de escárnio" e "de maldizer".

O Brasil, nas vilas mineiras, não tinha muito a ver com as cidades lusitanas. No século XVIII não era fácil viver na região como descrevem os historiadores. A escritora Stäel Gontijo, em romance inspirado em Marília, a de Dirceu, chega a comentar:

"Ao moldar versos à pesquisa histórica, encontrei uma Vila Rica pululante, onde pude ouvir o trote dos cavalos adentrando as vielas; as carruagens rangendo desesperadas na fuga de ladrões sedentos de ouro. Caminhei por praças abarrotadas de sinhás em seda e tafetá, refresquei-me em chafarizes ornados de escravas buliçosas. Senti os aromas pitorescos do fogão a lenha, aquecido pela marcação dos sinos. Lastimei o açoite de escravos ao raiar do dia, e os segredos de alcova que as noites encobriam".

Naquele século, os seresteiros, corajosos, enfrentavam numerosas dificuldades. A vida do sexo feminino era das mais penosas. No romance de Stäel Gontijo, a autora sublinha:

"As mulheres mineiras talvez tenham sido as brasileiras que mais sofreram o enquadramento das instituições adversas em que se misturavam misérias e dificuldades de toda ordem".

Todas as construções nos arraiais ficavam em torno do ponto central, aparecendo em derredor vendas, hospedarias, estrebarias e prostíbulos, para atender aos negócios da mine-

ração. Os senhores dos casarões apagavam as velas ao dobrar o sino das 21 horas, fazendo com que todos se recolhessem. A carência de velas de cera ou de sebo era constante, e as pessoas apagavam-nas o mais cedo possível até a vela se consumir, por inteiro e em silêncio, porque havia proibição de barulho.

O naturalista austríaco, nascido em Viena, Johann Baptist Emanuel Pohl, que acompanhou a Imperatriz Leopoldina ao Brasil em 1817, aqui descreveu mais do que as plantas, até falecer em 1834. Ele aludiu às primeiras distrações da sociedade: jogava-se, bebia-se, dançava-se, fazia-se música. O entretenimento musical era fraco, tanto quanto aos instrumentos, quanto aos executantes. Cantavam-se árias célebres, sem arte nem expressão. Quando muito, um piano oblongo, uma flauta e uma rabeça ruim. Era tudo o que se conseguia. Mas já apareciam.

Em Minas, feitio 'palacial'

Nas Minas, a serenata encontrou guarida, evocando os cantadores de priscas eras. Outrora, como aqui e agora, os homens, inclusive os ingleses, se apaixonados, frequentavam as casas de bebidas para troca de ideias, entusiasmavam-se e partiam a cantar o amor e as mulheres, exaltando-lhes a beleza e as qualidades de espírito e sentimentos, como os menestréis. As composições adquiriam feitio palacial, visando as moças da corte e da nobreza, alvos escolhidos, nas três primeiras vilas da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, separadas finalmente em 1720.

Separaram-se as Minas das outras regiões da colônia. Aqui se estabeleceu o território mais importante do reino português. Modos e costumes se definiam e as serenatas assumiam novos jeitos e rumos.

Começava-se a distinguir outras terras, não se circunscrevendo às três vilas iniciais: Ribeirão do Carmo, hoje Mariana; Vila Rica, hoje Ouro Preto; e Vila Real de Sabará.

(*) A Academia Mineira de Letras é parceira de *MagisCultura* e a cada edição é publicado texto de um de seus membros.

“As distâncias eram enormes, inóspitas, mas conhecimentos e sentimentos nunca faltaram, assim como as serenatas portadoras dos falares da alma.”

Falares da alma

As distâncias eram enormes, inóspitas, mas conhecimentos e sentimentos nunca faltaram, assim como as serenatas portadoras dos falares da alma. Geraldo Tito Silveira, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), lembra sua mãe, no antigo curato de Brejo das Almas das Caatingas do Rio Verde, elevado a paróquia por lei de 1839 e evocado por Drummond. A genitora do autor local surpreendia os visitantes, ao falar francês fluentemente e dedilhar com arte um pequeno violão, como se estivesse em grande cidade.

De Mariana, muito contam Danilo Gomes, um dos maiores cronistas deste nosso tempo, e o poeta Alphonsus de Guimaraens Filho, nascido ali na Rua Direita e que sempre viveu as alegrias e dores de sua cidade.

O acadêmico Danilo registra: *“E à noite um bando em serenata desce da chácara cantando modinhas mineiras de tempos idos. Percorre ruas, para sob as sacadas adormecidas. E subindo para o alto da igreja de São Pedro, a cujos pés a cidade se estende, parece tomar a bênção de Vovó Mariana, Mãe dos Mineiros, risonha e acolhedora, e cantar como o poeta: ‘Quero em teu seio adormecer, sonhar...’”*

Sobre a terceira vila falaria o desembargador Hélio Costa, ex-presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), professor de gerações, diretor de Faculdade de Direito da UFMG, a quem o advogado e jornalista montesclarensense Paulo Narciso atribui todo seu conhecimento jurídico. Ele aprendeu e lhe revelou *“a origem da música, ‘Oh Minas Gerais’, ao receber a visita do embaixador tcheco”*.

A serenata não estagnou com a colônia. Os cantares ao ar livre ou em salões ganharam espaço, com os intérpretes solos, ou formando grupos, rogando a promessa de amor ou aos deuses a realização de sonhos. No Brasil colonial, segundo testemunhos, serenatas ecoavam desde o século XVII, acompanhadas ao violão, desde a Bahia.

Território pródigo para a música

Por aqui, os cantores ou grupos chegaram ao mais interior que existia, passando primeiro pelas regiões mineadoras, como Diamantina, cujo topônimo diz tudo. Assim, chegaram ao antigo Tijuco os avós de Juscelino Kubitschek, procedentes da Boemia, ex-integrante da República Tcheca, por volta de 1835. O pai, João César de Oliveira, segundo o próprio filho apelidado ‘Nonô’, era um ‘mão aberta’, o gênio expansivo, o rei da noite e das serenatas, além de bom dançarino e violonista.

O futuro território da Capitania de Minas Gerais era pródigo e favorável à disseminação musical. O destino suplantou séculos e persistiu.

Com o advento da era do rádio, vozes seresteiras de Diamantina, nos anos 1940/1950, encantavam os ouvintes com as músicas interpretadas por Abílio Lessa e Otavinho da Mata Machado, evidentemente nascidos na velha Tijuco.

De outros rincões do território, a serenata chegou também ao Noroeste de Minas, com incrível vigor. Tanto que Napoleão Valadares, nascido em Arinos, escritor conceituado, advogado da União e integrante de vários sodalícios, como

a Associação Nacional de Escritores, ao publicar um de seus livros insere o primeiro conto ao tema com o título de “A Serenata”.

No Leste de Minas, na Zona da Mata, há nomes como os de Ary Barroso, glória da MPB, e das irmãs Celia e Celma Mazzei, todos de Ubá, cujas vidas no campo da música são de notório êxito. Também se fará um agradecimento a Ataulfo Alves, nascido em Mirai, em 1909, autor de cerca de 300 músicas, algumas eternizadas, como “*Ai que saudades da Amélia*”, em parceria com Mário Lago.

O poder da viola no sertão

Na região de Montes Claros, viola é indispensável nas serenatas. Sempre foi. Zé Coco do Riachão, o “Beethoven do Sertão”, notabilizou-a, como Téo Azevedo, compositor e cantor-violeiro.

Incentivando grupos artísticos, o médico Hermes de Paula ajudou a dar à cidade a importância que tem no campo musical histórico, assistindo ao surgimento e a geral benquerença do Grupo de Serestas João Chaves, consagrador de Nivaldo Maciel, Sinval, João Leopoldo França, Sebastião Mendes, Lola Chaves, Josefina de Paula e Clarice Maciel, além de outros bambas, que encontraram caminho feliz e o seguiram.

“De outros rincões do território, a serenata chegou também ao Noroeste de Minas, com incrível vigor.”

Zé Coco do Riachão



“Numa caçada, acidentalmente, sua espingarda escorregou e disparou, ferindo gravemente todos os tendões dos dedos indicador, médio e anular. Juntaram-se esforços médicos e de curandeiros na recuperação. Aí, ele aprendeu a tocar viola, seu primeiro instrumento.”

Popularizado como Ducho, Sebastião Mendes foi o mestre do bandolim, do violão e do violino. Numa caçada, acidentalmente, sua espingarda escorregou e disparou, ferindo gravemente todos os tendões dos dedos indicador, médio e anular. Juntaram-se esforços médicos e de curandeiros na recuperação. Aí, ele aprendeu a tocar viola, seu primeiro instrumento.

Entre tantos notáveis, destacou-se também João Valle Maurício. Médico, sócio de hospital, acadêmico, reitor, secretário de Estado da Saúde, amante das gentes e coisas do sertão, amava as modinhas, deixou livros publicados e teve seu centenário registrado com reverência e saudade.

Poesia no Ivituruí

No arraial do Serro Frio, denominado Vila do Príncipe, desmembrado do município de Sabará, viu-se nascer, em 1714, a vila com o nome de Serro, que acolheu a seresta ou serenata. Sua história enche de poesia as montanhas do Espinhaço e parece não morrer jamais, permanecendo viva através das gerações, nos corações, casas, ruas e becos da velha Ivituruí. Há grupos e pessoas que “puxam” as músicas acrescentando novas canções, acolhendo novos ritmos, mas mantendo pérolas do repertório tradicional. Das levas de curiangos, os serranos não se esquecem de Tumerê, Gilberto Santos, Rogério de Zulu, Zé Cocó, Robson Reis Simões e tantos outros.

A viola entrou na história do Brasil de maneira definitiva, como contou Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, jornalista e escritor, da Academia Mineira de Letras, secretário de estado e ministro da Cultura e prefeito de Ouro Preto pela quarta vez. Em 1831, quando Pedro II passou por Queluz de Minas, hoje Conselheiro Lafaiete, se embeveceu por saber que ali havia 15 fábricas de viola e muitos violeiros, tendo sido o instrumento usado pelos jesuítas em diversas regiões, na catequese de indígenas e para tranquilizar os africanos escravizados, mas também para manifestações religiosas.

Noites de glória nas noites de luar

Músicas de curta duração marcam o tempo das serestas, com letras simples, assimiláveis e decoradas pelos cantores e, por extensão, pela população do país inteiro. Mesmo as cidades pequenas conseguem formar seus grupos de seresta, que são reconhecidos e saudados.

No Rio de Janeiro da monarquia, a Capela Imperial mantinha em seus quadros funcionários seresteiros como o Policarpo, que, após os afazeres diários e o noturno descanso em casa, ia com o companheiro Paiva tocar na nova noite rabeça na rua das Marrecas durante sete horas. Mas, apenas duas músicas.

O costume, com variações, ganhou todo o interior praticamente. Os mineiros, sem mar, sem praia, se afeiçoaram.

No sertão montanhês, as serenatas eram indispensáveis. Darcy Ribeiro, não muito tempo antes de morrer, lembrava aqueles seresteiros, inclusive o flautista ‘Seu’ Camilinho, e muitos outros compositores e virtuosos do violão, do bandolim e de violas, que as faziam “*recheadas de modinhas deles*”.

Na cidade natal do ex-ministro da Educação, serenata é mais do que tradição, porque demonstração cravada de amor ao velho costume, algo com 'feitio de oração', para citar Noel Rosa.

Havia noites de glória nas noites de luar, pelas ruas tranquilas, com cantores apaixonados e público sensível às letras e às melodias. Há um caso exemplar, evocado com carinho na cidade sertaneja de Montes Claros.

Falecendo o boêmio Silva Reis, no dia do enterro seresteiros cantaram em sua honra, lançando a modinha "O Bardo", em meio à paz celestial do campo santo, presente o autor João Chaves, "conceituado advogado sem diploma". Anos depois, a música foi repetida no enterro do autor, ao redor do túmulo, e no sétimo dia de morte, em comovente homenagem à figura respeitável e querida do compositor. Inaugurava-se ali o "lirismo fúnebre", descreveu o advogado e escritor Haroldo Lívio.

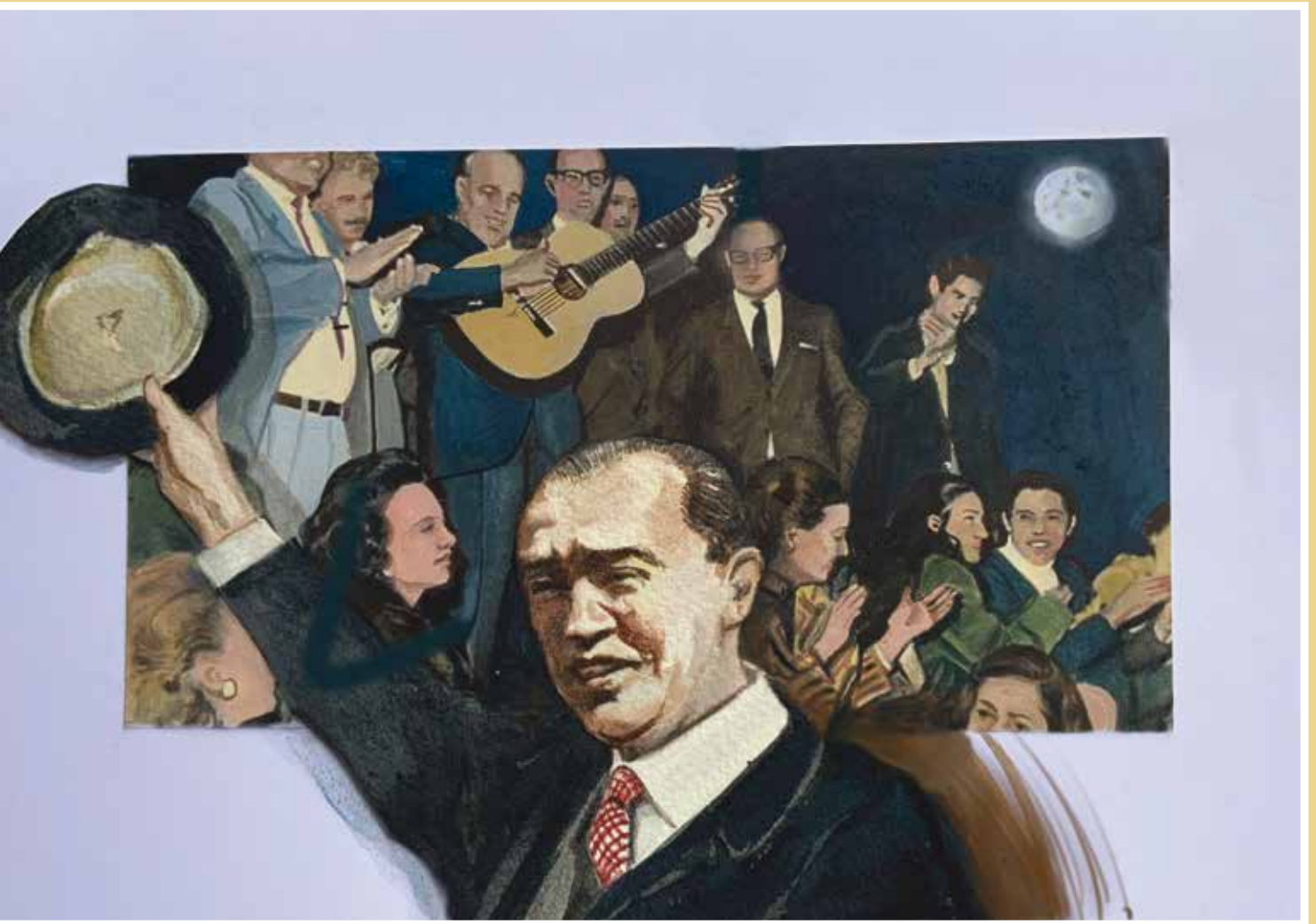
Com os olhos da alma

Toda Minas não caberia neste espaço. Mas há uma que merece destaque especial. É a antiga paróquia do Bom Retiro de Pedro Lopes de Carvalho, que já pertenceu a Sabará, hoje Santa Luzia. Situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, rica em tradição e história, é símbolo robusto desta afinação do homem da velha capitania com a música, principalmente a nascida do sentimento popular, como a praticada pelo seresteiro Antônio Tibúrcio Henriques, amigo devotado de noites do cantor das multidões, Orlando Silva.

Da amável e heróica Santa Luzia (lembremos seu papel na Revolução de 1842) não esquecerá tampouco Geraldo de Brito, o Gê, o jornalista Roberto Elísio de Castro e Silva, ex-assessor de Imprensa do governador Rondon Pacheco.

Gê nascera cego, mas caminhava pelas ruas da cidade com serena tranquilidade, cumprimentava as pessoas, quebrava o silêncio das madrugadas com a suave e tristonha voz com a qual Santa Luzia tanto se emocionava. Na época do cinema mudo, ele cantava ao som do seu violão, preenchendo o vazio da sala de projeção. Roberto comenta: "Como as sombras da noite, Gê enxergava com os olhos da alma".

“Músicas de curta duração marcam o tempo das serestas, com letras simples, assimiláveis e decoradas pelos cantores e, por extensão, pela população do país inteiro.”



Seresta, um patrimônio mineiro

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de MagisCultura

Bastaram três gerações para surgir uma sociedade encharcada de religião, de cortesias em suas relações sociais, de trato cerimonioso e de cultura clássica. E de música.

Carlos Pereira,
jornalista e pesquisador da música mineira

O declínio da produção de ouro que se verificou em Minas Gerais, mais ou menos a partir de 1760, não foi correspondido por um rebaixamento do nível intelectual das altas classes da capitania.

Afonso Arinos de Melo Franco,
em *Rosa de Ouro*, Editora UFMG, 2007.

A formação na Minas colonial de uma sociedade culturalmente peculiar, amalgamando as influências de europeus, de africanos escravizados e das populações originárias, para dar origem a uma cultura genuinamente 'mineira', já é consensual entre pesquisadores e estudiosos de nossa história, como bem exemplificam os dois destaques que fizemos nas epígrafes acima.

Essa cultura resultou em 'produtos' hoje facilmente identificados como genuinamente mineiros, seja na característica bem-marcada de nossa culinária; seja na arquitetura, na pintura e na escultura barrocas; seja na literatura colonial; seja no espírito libertário. Os exemplos variam do feijão tropeiro à Inconfidência, passando por Aleijadinho e Ataíde e por Tomás Antônio Gonzaga, para ficarmos em poucos.

A música também, naturalmente, foi abarcada por esse contexto cultural e aqui vimos florescer um cancionário que, mesmo fortemente influenciado pelo modelo europeu, assume características inteiramente marcadas pelo espírito "mineiro". Sem nos debruçarmos na produção erudita de Lobo de Mesquita ou do padre José Maurício, podemos apontar a seresta como uma das manifestações culturais resultante desse amálgama colonial em terras mineiras, que durante pelo menos dois séculos foi o "Eldorado" para europeus e bandeirantes aventureiros que para cá vieram em busca do farto e fácil ouro e das pedras preciosas.

Citando Geraldo Dutra de Moraes, o jornalista e pesquisador Carlos Pereira registra que "ao final desse generoso ciclo, contavam as Minas Gerais com **26 cidades** onde floresciam a mineração e a música". Ou seja, a música seguia junto com a busca da riqueza.

Embora haja registros do hábito de serestas e serenatas em todas as regiões de Minas, duas cidades polarizam e até polemizam sobre a primazia de serem a capital mineira da seresta: Diamantina, o antigo Arraial do Tejuco, que já aparecia na citada lista de Geraldo Dutra de Moraes, e Montes Claros, a "Vila de Montes Claros de Formigas", que não faz parte da lista, por ser bem mais jovem (elevada a Vila somente em 1831) e não ter sido tão impactada pelo ciclo da mineração aurífera.

A capital da seresta

A 'capital' do Norte de Minas, aliás, instituiu o dia 22 de maio como o "Dia Municipal da Seresta", para celebrar a data de nascimento de seu maior seresteiro, João Chaves. Anualmente, a cidade promove um encontro de grupos de serestas, para cantar as canções de Chaves e de outros seresteiros ilustres da cidade, como Hermenegildo Chaves, Nivaldo Maciel, Luís Procópio, Gilberto Câmara, Sinval Fróes, Sebastião Mendes (Ducho), Celestino Soares (Telé), João Vale Maurício, Virgílio de Paula, Josefina Abreu de Paula e Raymundo Chaves, conforme registro do portal da prefeitura local.

O mesmo portal registra declaração de Eduardo Chaves, presidente da Associação dos Seresteiros de Montes Claros e Amigos da Arte, segundo quem a intenção da entidade é trabalhar "para que as modinhas voltem a fazer parte da vida de todos e seus poetas e autores sejam devida e merecidamente reconhecidos". Eduardo é filho de seresteiro e família de seresteiros, pois o seu pai, Raymundo Chaves, é irmão de João Chaves.

O celebrado João Chaves foi exímio cordelista, trovador, compositor, intérprete, seresteiro e multi-instrumentista, além de jornalista, advogado e político. Nasceu em Montes Claros em 22 de maio de 1885 e morreu faltando 11 dias para completar 85 anos, em maio de 1970.

Além de poesias e cordéis, compôs modinhas, dentre elas *Amo-te Muito* (1910) considerada obra-prima do cancionário mineiro.

São as seguintes as cidades citadas: Sabará, Caeté, Ouro Preto, Mariana, Serro, São João del-Rei, Diamantina, Santa Luzia, Pitangui, Campanha, Itabirito, Congonhas, Prados, Tiradentes, Santa Bárbara, Itabira, Conceição do Mato Dentro, Paracatu, Morrinhos, Minas Novas, Cocais, Ouro Fino, Barbacena, Matias Cardoso, Itamarandiba e Baependi.

“A seresta diamantinense é uma das tradições mais autênticas do município, por reunir músicos autóctones que resgatam através de suas apresentações, os cânticos de outrora.”

A cidade musical

Já Diamantina integrou desde sempre esse requintado grupo de vilas musicais mineiras até culminar em sua famosa *“Vesperata”*, que hoje atrai turistas de todas as partes, em uma festa que adquiriu caráter laico e festivo, mas tem sua origem ligada a rituais religiosos. A *Vesperata*, reconhecida como Patrimônio Cultural de Minas Gerais, é um concerto noturno composto por bandas de músicas que se apresentam na tradicional Rua da Quitanda, no centro histórico. Os músicos se posicionam nas sacadas dos casarões coloniais, repetindo práticas musicais do século XIX.

Já no Século XX, a veia musical de Diamantina ganhou fama graças a seu filho mais ilustre, Juscelino Kubitschek de Oliveira, que costumava dizer: *“Uma seresta em Diamantina é mais bela do que uma noite de trovadores em Nápoles”*. A seresta diamantinense é uma das tradições mais autênticas do município, por reunir músicos autóctones que resgatam através de suas apresentações, os cânticos de outrora.

JK e a seresta diamantinense estão também indelévelmente marcados na história da música popular brasileira, por sua presença junto ao Clube da Esquina, de Milton Nascimento e Fernando Brant, que embora não nascido, ali passou grande parte de sua infância e tem sua história de vida marcada pela cidade.

Juscelino, aliás, é sempre lembrado pela música *“Peixe Vivo”*, um coreto, tipo musical muito comum na cidade, segundo o professor Aires da Mata Machado Filho. Em seu já citado livro, ele afirma: *“Particularmente em Diamantina, [os coretos] são infalíveis nos jantares de família, como nos banquetes de circunstância. Servem de remate a reuniões ocasionais. Constituem coroamento daquelas em que se expandem os requintes espirituais do convivium. Ajudam a ressuscitar, em contexto renovado, a graça platonizante que a etimologia confirma.”*

Rivalidade musical

A canção *“Flor dos céus”*, uma das mais icônicas e mais conhecidas da seresta mineira é um exemplo da ‘rivalidade’ entre as duas cidades pela primazia da seresta, segundo registra o linguista, filólogo e folclorista Aires da Mata Machado Filho.

A autoria dessa canção é reivindicada por Montes Claros, para o desembargador João Batista de Carvalho Drummond, juiz da comarca entre 1885 e 1889. Mas o professor Aires, diamantinense, afirma não ter dúvidas da autoria de dois conterrâneos, pois *“todos nós conhecíamos, e conhecemos, em Diamantina, a história do amor contrariado de Teodomiro, poeta e autor do romance ‘Genesco’, professor e político, na sua cidade, a qual foi a inspiração e o motivo da velha canção”*.

‘Mestre’ Aires lembra ainda, no livro *“Dias e noites em Diamantina”* [Edição do autor, 1972], que a *“teimosa e copiosa reivindicação de autoria [...] vem provar o caráter folclórico, por intermédio do anonimato, na conceituação dessa ciência, expresso no plano secundário da paternidade dos versos, que valem por si mesmos, na própria coletivização que lhes imprimiu o cunho popular”*.

Em comentário a propósito de outra canção, ele completa: *“A autoria nunca me despertou curiosidade. Sempre se perde*

no anonimato folclórico, quando a modinha se incorpora na sensibilidade coletiva.”

Na mesma obra, ele registra também variações na letra (‘treno’ ou ‘trino’; ‘colo’ ou ‘solo’), decretando que “o fato de ocorrerem diferentes versões não tem nada demais”.

Flor dos céus

Teodomiro Alves Pereira (letra)
Modesto Antônio Ferreira (música)

*É a ti, flor dos céus, que me refiro
Neste treno [trino] de amor, nesta canção.
Vestal dos sonhos meus por quem suspiro
E sinto palpitar meu coração
Oh! dias de risonha primavera...
Oh! noites de luar que eu tanto amei...
Oh! tardes de verão - ditosa era
Em que, junto de ti, amor gozei
Não te esqueças de mim, por piedade,
Um só dia, um só instante, um só momento.
Não me lembro de ti, sem ter saudade,
Nem me podes fugir do pensamento
Quem me dera outra vez esse passado,
Essa quadra ditosa em que vivi...
Quantas vezes na lira debruçado,
Cantando, em teu colo [solo] adormeci.
Que é feito desse eterno paraíso,
daquela embriaguez, daquele ardor?
Fugiu de teus lábios o sorriso,
Toldou-se nosso céu de negra cor.*

Uma sinfonia em livro

A bibliografia sobre a música mineira – e a brasileira – foi fartamente enriquecida no final de 2022 com o lançamento do livro *Música mineira – Últimos acordes de uma sinfonia portuguesa* (Editora Ramalhete, de Belo Horizonte), do jornalista e pesquisador mineiro Carlos Pereira.

Na publicação, Pereira faz longo mergulho na história da formação cultural mineira e busca encontrar as razões para ter nascido aqui essa “cultura, libertária, insubmissa e requintada sociedade”, cuja espinha dura “não significava espírito estéril”. É ele quem conclui: “[...] uma das manifestações de uma personalidade suave e requintada era o culto aos bemóis e sustentidos. Além de indóceis politicamente, os nativos das montanhas já nasciam mergulhados em música.”

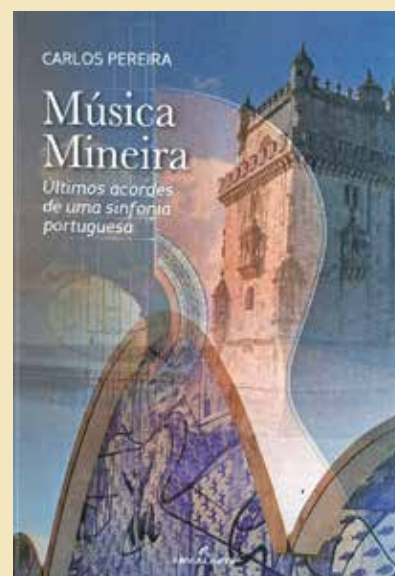
Foi esse ambiente que, diz o autor, possibilitou o surgimento em nossas montanhas do “pai negro da música popular mineira”, Milton Nascimento, principal nome do Clube da

Seresta X serenata: qual a diferença?

Na definição do folclorista e historiador da música brasileira Luís da Câmara Cascudo, a diferença entre *Seresta* e *Serenata* está no ambiente em que elas acontecem.

Seresta é feita em ambiente fechado, som acústico, envolve memória afetiva, e tem na sua composição a poesia e história.

Serenata é feita “em ambiente de rua, durante a noite, e tem como objetivo a conquista de quem se ama; tem poesia (menestrel), cantor (conductor) e tocador (músico do instrumento).



Esquina, que “seria os elos finais de uma cadeia sócio-cultural-melódica iniciada num ponto perdido nas brumas dos tempos”.

Pereira não trata especificamente das serestas, mas monta uma rica construção sobre as origens da música mineira, em um “longo caminho de informações, casos recheados de bom humor, histórias amorosas e um enorme baú de relíquias culturais [...] com a intenção final de colocar para o leitor toda a riqueza da influência portuguesa em nossas vidas ao longo dos séculos”.

Vale a leitura.



Nelson Rodrigues, sem pecado.

Jorge Paulo dos Santos

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

“**P**ara alguns, era um santo; para outros, um canalha; para todos, sempre, uma surpresa ambulante. Mas, como se verá, ninguém o conheceu direito.”

(Rui Castro)

Em um súbito correr d'olhos, desavisadamente, sobre alguma obra de Nelson Rodrigues, em maculada leitura pelos pruridos de moralidade e rigor de costumes, o leitor acabará por pensar que o autor não passava de um despuadorado. Lado outro, quando a leitura é realizada despida do pudor que mais encarna a hipocrisia, que a sinceridade, sem peias, preconceitos e julgamentos açodados, percebe-se no autor a excelência dos que conseguem trazer à luz a desdita de todos nós, com nossas idiossincrasias, ao eternizar o efêmero do fenômeno cotidiano. Essa a linha que separa o gênio dos apenas esforçados.

Biografar Nelson Rodrigues não custará grande sacrifício, os dados pululam na internet. Tentar descrevê-lo, porém, em sua humanidade, com suas idiossincrasias, sua psicologia do abstrato e da aparente incongruência, torna a empreitada mais tormentosa. Por isso mesmo, qualquer impressão aqui lançada terá sido meramente opinativa, numa tentativa de descortinar, ainda que sutil e minimamente, esse genial ser humano.

Rui Castro, quem melhor o biografou, assinala que “*durante muitos anos, Nelson Rodrigues carregou a fama de ‘tarado’. Em seus anos finais, a de ‘reacionário’. Ninguém foi mais perseguido: a direita, a esquerda, a censura, os críticos, os católicos (de todas as tinturas) e, muitas vezes, as plateias – todos, em alguma época, viram nele o anjo do mal, um câncer a ser extirpado da sociedade brasileira. E, olhe, quase conseguiram.*” E mais: “*Para alguns, era um santo; para outros, um canalha; para todos, sempre, uma surpresa ambulante. Mas, como se verá, ninguém o conheceu direito.*”

Sua origem

Nascido no Recife, a 23 de agosto de 1912, quinto dos 14 filhos do jornalista Mário Leite Rodrigues e de Maria Ester Falcão Rodrigues. O pai, formado em Direito, como primeiro de sua turma, enveredou pelo jornalismo. De temperamento sanguíneo, não poupava os adversários políticos em Pernambuco, o que acabou por render-lhe inimigos, com atentado e tudo. Diante das dificuldades e perigos, convencido pela esposa, deixou o restante de mandato de deputado estadual e mudou o curso de sua história em final de 1915, rumando para o Rio de Janeiro, então capital federal, sendo recebido pelo poeta Olegário Mariano, “o poeta das cigarras”, deixando a família em Recife, que a ele se juntaria em 1916.

O *Correio da Manhã*, de Edmundo Bitencourt, foi quem abrigou Mário, na função de redator parlamentar. Enfim, empregado, fez morada no bairro Aleia Campista, encravado entre os bairros da Tijuca, Maracanã, Andaraí e Vila Isabel, onde Nelson passaria sua infância e adolescência.

O arguto observador da vida

Para Rui Castro, o pequeno Nelson não perdia de vista o correr dos dias, com aquela vizinhança, de mulheres gordas e seios fartos e “*colares de brotoejas*” e seus maridos magros e asmáticos. A tosse era comum e, em fantasiosa harmonia, tossia-se em grupo, com seus velórios e adultérios, como hoje, porém menos banalizados, no dizer do biografista.

Desde cedo Nelson se interessou pela leitura. Devorava livros, chegando a ler, aos 13 anos, “*Crime e Castigo*”, de Dostoiévski (suspeito que no decorrer do tempo lera também “*O Idiota*” do mesmo autor). Diz o biógrafo que alguns outros foram “*Os miseráveis*” e “*O homem que ri*”, de Victor Hugo; “*Naná*” e “*Germinal*”, de Emile Zola; os “*Contos de Hoffman*”; “*Amor de perdição*”, de Camilo Castelo Branco; e muito Machado de Assis e Eça de Queiroz.

Não era, definitivamente, uma criança comum, que passasse ao largo. Agudo em suas observações do cotidiano e leitor compulsivo, não é de menos afirmar que teve seu *debut* literário, como contista, aos oito anos de idade, quando no primário, em um concurso de redação, narra “*a história de um adultério, em que um marido chega de surpresa em casa, entra no quarto, vê a mulher nua na cama e o vulto de um homem pulando pela janela e sumindo na madrugada. O marido pega uma faca e ceifa a vida da mulher. Depois ajoelha-se e pede perdão.*”

A redação deixou perplexa a mestra, que cuidou de mostrá-la à diretora. Malgrado o segundo lugar, porque o primeiro seria um tanto afrontoso ao moralismo vigente, era o prenúncio do que viria no futuro.

Já adolescente, Nelson passou a frequentar cotidianamente a redação do *Correio da Manhã*, com aguçada curiosidade e efetiva participação na pauta policial, acompanhando o repórter destacado para os registros de ocorrências, as mais diversas, combustível ao longo do tempo para forjar o que seria o Nelson dos contos, crônicas, livros, peças teatrais, novelas e minisséries.

O universo de Nelson, se minimamente compreendido, conduz quem nele penetra ao entendimento de si mesmo, dos vários “eus” que nos habitam. Daí, a resistência e a tendência em imputar-lhe a pecha de imoral, pornográfico, obsceno, tarado, para não dizer outras, como se nos defendêssemos do gutural grito de consciência pela (re)descoberta

“A tragédia parece ter marcado a vida de Nelson, seja as dos outros, seja a dele próprio.”

do que somos e do que poderemos vir a ser, de nossa hipocrisia e de nossa soberba, e o descortino de que carregamos em nós uma dose de cada pecado capital, que naturalmente compõe nossa cotidiana escalada vivencial. O efeito reverso será a possibilidade de não haver pecado em Nelson, pelo só fato de desnudar nossa humanidade e revelar sua/nossa mais profunda essência, exatamente porque somos demasiadamente humanos. Não, eu não sou tanto assim, diremos todos! Será?! Nem um bocadinho?

Certamente pelo contexto histórico em que viveu Nelson, nascido no início do século XX, coroado por duas grandes guerras, pandemia da “gripe espanhola”, movimentos artísticos inovadores e transformadores, convulsão nacional pela agonia da república velha e o florescimento do getulismo, radicalização dos costumes pela mão pesada da Igreja Católica (movimentos da reforma protestante e dos neopentecostais ainda eram incipientes no Brasil), racismo consentido e tolerado, subjugação da mulher em indistinta misoginia, tudo isso ferveu e pontuou naquele espírito observador e crítico a encarnar os personagens que juntou à realidade e ao ficcional.

A tragédia parece ter marcado a vida de Nelson, seja a dos outros, seja a dele próprio. Conviveu com a gripe espanhola, que assolou o Rio em 1919, narrando Rui Castro que as pessoas morriam na rua e eram colocadas em caminhões caçambas da limpeza pública ou jogadas em vala comum. De assustar e de ninguém mais chorar seus mortos, porque não havia tempo.

Em 1924, por provocação e ironia em artigos jornalísticos, e depois por matéria acusatória envolvendo políticos importantes, como Arthur Bernardes e Epitácio Pessoa, Mário Rodrigues foi processado e condenado a dois meses de prisão, ao assumir a responsabilidade por artigos que não escrevera, mas seu editorialista, o escritor Humberto de Campos. Como diretor, Mário Rodrigues deixou-se condenar e jamais delatou o redator.

Mais tarde, foi preso por suposta incitação à revolta, à época da insurreição paulista, contrária a Bernardes e Epitácio, e o jornal *Correio da Manhã* silenciado. Depois de um ano preso, Mário, por desentendimentos com Bitencourt, deixou o *Correio da Manhã* e fundou seu próprio jornal: *A Manhã*. Em 1928, perdeu a posse desse título, por questões econômicas, mas em dois meses, lançava outro jornal: *Crítica*, cujo lema era “*Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo*”.

Por uma matéria publicada no novo jornal, Roberto, irmão de Nelson, desenhista e ilustrador, pagou com a própria vida. O jornal noticiara em 26 de dezembro de 1929, de forma ácida e mordaz, o possível desquite do casal João Thibau Jr. e Sylvania Seraphim Thibau, por suposto adultério da mulher. Inconformada, no dia seguinte Sylvania, valendo-se de um revólver Gallant, calibre 22, subiu à Redação para liquidar com Mário Rodrigues. Foi recebida pelo filho, Roberto, 29 anos, que recebeu dela um tiro, suficiente para levá-lo ao hospital e lá morrer dois dias depois. Mário Rodrigues caiu em depressão profunda e acabou por sofrer um AVC, em março do ano seguinte, vindo a falecer.

O jornal passou a ser dirigido pelos irmãos Milton e Mário Filho e no embate político entre Júlio Prestes e Getúlio Vargas, sentiram inicialmente os ventos da sorte a lhes so-

prar, com a vitória de Prestes, a quem empenharam apoio na insurreição paulista, e contra Vargas na disputa em 1929. O golpe de 1930, todavia, alçou Vargas ao poder e representou para os Rodrigues a derrocada do periódico, invadida a Redação por opositores, todas as máquinas foram destruídas e o jornal empastelado em outubro daquele ano.

Com tantos fatos negativos a assombrar a família, os Rodrigues soçobravam em fracasso e penúria, entre 1931 e 1934, até que Mário Filho foi convidado por seu amigo e colega de sinuca Roberto Marinho a assumir o caderno de esportes do jornal *O Globo*, que herdara do pai Irineu Marinho, em 1925. Mário assumiu a página de esportes, mas condicionou sua ida a que seus irmãos Nelson e Jofre também fossem contratados, o que foi aceito. Nelson, por razões óbvias, sofria como todos os Rodrigues. Tudo que ganhava era entregue à mãe, que lhe destacava pequena quantia para gastos pessoais.

Quanto a Mário Filho, é outra belíssima história, valendo apenas pontuar aqui, que foi dele a maior revolução realizada no esporte e no mundo esportivo brasileiro, não só do futebol, mas também nas várias outras modalidades, criando os jogos da primavera e dando um caráter mais profissional ao que era amador ou quase inexistente, e ainda responsável pelo concurso de escolas de samba, fomentando a disputa e elevando o nível dos desfiles. Não é sem motivos que emprestou seu nome ao maior estádio de futebol do mundo, o Maracanã, cujo empenho para construção foi decisivo.

O Nelson nosso de cada dia...

Aos 21 anos Nelson padeceu com a tuberculose, que o levou ao internamento em Campos do Jordão, onde permaneceu em tratamento entre abril de 1934 a junho de 1935. Roberto Marinho não deixou de pagar seus salários e o tratamento. A tuberculose seria sua companheira por 15 anos. Seu irmão Jofre também contraiu tuberculose, mas não resistiu e morreu em 1936.

Em 1937, Nelson passou outra temporada no 'sanatório' em Campos do Jordão e, quando voltou, conheceu aquela que seria sua esposa, Elza Bretanha. Depois de muito cortejá-la, se casaram em 1940, não sem antes ter que se batizar e fazer primeira comunhão, aos 28 anos, condição imposta pela família da noiva. O casal teve dois filhos, Jofre e Nelsinho.

Atacado antes pela tuberculose, parece dela ter herdado um efeito colateral, pois seis meses depois de casado, acordou cego e com o tratamento médico, voltou a enxergar com uma perda de 30% em cada olho. Resistente ao uso de óculos, imaginava que com a visão que lhe sobrara não teria problema. Ledo engano, em um jogo de futebol, entre o Fluminense, time de seu coração, e Bangu, Nelson torcia por uma arrancada do adversário em direção à meta tricolor, sendo alertado pela esposa do equívoco. Naquela partida o time do Fluminense estava de branco e o do Bangu com camisas listradas de vermelho e branco. Nelson confundiu. Segundo consta, não mais assistiu a uma partida com clareza, vendo apenas vultos em campo. Deixava se levar pelo grito da torcida e pelo que lhe narrava quem com ele ia aos jogos. Sua genialidade, porém, dispensava a visão para escrever belíssimas e insuperáveis páginas sobre o esporte bretão.

“Sua genialidade, porém, dispensava a visão para escrever belíssimas e insuperáveis páginas sobre o esporte bretão.”

Teatro revolucionário

“*A Mulher sem pecado*” foi sua primeira peça. Naquela ocasião, o teatro no Brasil beirava o amadorismo, vicejando no teatro de revista e na outra ponta dominado por um grupo que se julgava acima da média. Uma peça não ficava em cartaz mais que uma ou duas semanas. As atrizes eram tratadas como as prostitutas no Mangue, obrigadas ao exame ginecológico periódico, obrigatoriedade “legal” que veio abaixo apenas no governo Dutra, em 1950.

Difícil encontrar atriz disposta a encenar aquela adúltera, ao aviso de que peças com esse tema, o traído era sempre feliz, diferente do que se dava em “*A Mulher sem pecado*”, quando, atormentada pelo marido ciumento, a esposa acabava fugindo com o motorista. Com dificuldades para conseguir palco e elenco, somente em dezembro de 1942 a peça estreou, merecendo virulentas notas negativas da crítica. Álvaro Lins, porém, um dos mais festejados críticos literários de então, andou na contramão dos demais e teceu rasgados elogios à peça e ao autor, pontificando: “*Este é um autor que conhece as condições do gênero teatral*”. Achou a peça um exemplo de teatro que continha “*arte literária, imaginação, visão poética dos acontecimentos; técnica de construção; que não era uma cópia servil de cenas burguesas de sala de jantar; e, sim, a interpretação de sentimentos dramáticos ou essenciais da vida humana*”.

Com “*Vestido de Noiva*”, peça que revolucionou a concepção teatral no Brasil, a utilizar o palco com três planos superpostos e que se intercalam, para contar uma história em três momentos distintos: realidade, passado e imaginação, algo jamais visto, Nelson e obra mereceram de Manuel Bandeira elogiosa crítica, que chegou a lançar nota profética: “*Nelson Rodrigues é poeta. Talvez não faça nem possa fazer versos. Eu sei fazê-los. O que me dana é não ter como ele esse dom divino de dar vida às criaturas da minha imaginação. ‘Vestido de noiva’, em outro meio, consagraria um autor. Que será aqui? Se for bem aceita, consagrar... o público.*”

No curso da história, outras foram produzidas, todas enfrentando sérias dificuldades perante os órgãos de censura de então, que, ou censuravam ou exigiam modificações, sempre recusadas por Nelson. À custa da via crucis perante tais órgãos e a ingerência de pessoas influentes, algumas foram liberadas em menos tempo, outras não, levando anos para ganharem os palcos. Foi assim com “*Álbum de Família*”, no limbo de 1945, quando foi escrita, até 1965, quando encenada; “*Senhora dos Afogados*” escrita em 1947 e só liberada em 1953; “*Anjo Negro*”, em 1946, em que os produtores não aceitavam um negro no papel principal (o personagem era negro) e entendiam que deveria ser um branco pintado de negro, em escancarado ato de racismo. O tema sempre foi cruento, como incesto, adultério, assassinato, que tanto parecia ofender a moralidade e religiosidade que imperava. O público, entre aplausos e vaias, chegava a bater boca dentro dos teatros, com os exaltados exigindo o veto a esta ou àquela peça, como em “*Perdoa-me por me traíres*”. A Liga das Senhoras Católicas vociferava que Nelson era um desagregador das famílias brasileiras, e nesse diapasão era o discurso a motivar a censura.

“O que me dana é não ter como ele esse dom divino de dar vida às criaturas da minha imaginação.”

É bem verdade que todas causavam impacto profundo, parecendo em desconexão com a moralidade da época. Diziam atentar contra a família, os bons costumes e a religião. Ora, o que Nelson mostrava era a realidade escondida e envergonhada, mas que se tentava fingir inexistir ou dar ares de normalidade ao modelo patriarcal tão antigo e já carcomido, à prepotência masculina na subjugação da mulher, tratada no cabresto e no bridão. Nada mais natural, pensavam muitos e muitas, do que o marido traído fuzilar a adúltera, porque estava a lavar sua honra e a “decência” familiar. Não era assunto para o palco. Em verdade, era como se gritassem, não nos mostre nossa hediondez, não lance sobre nós nossas procelas. Isso deve ser reservado para os lupanares, para o Mangue, não para o teatro.

A vaia consagradora

A produção literária de Nelson, em variadas vertentes, era em profusão. Censurado, odiado e admirado, sempre causava impacto. Não houve na história das artes literárias e da dramaturgia nacional ninguém mais repudiado e ao mesmo tempo admirado como o foi Nelson Rodrigues. Caso de amor e ódio, nunca de indiferença.

Nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, para alcançar o público feminino, escrevia sob o pseudônimo de Suzana Flag o folhetim “*Meu destino é pecar*”, história de Leninha, uma mulher forçada a desposar um homem que não amava, para quitar dívidas da família. Em capítulos, a história levou O Jornal a triplicar sua tiragem, dado o interesse, principalmente do público feminino. A ‘colunista’ também atuava como conselheira para as inúmeras leitoras que lhe escreviam, expondo suas agruras. Mal sabiam que Suzana Flag, tão venerada, era o controvertido Nelson Rodrigues!

Em sua última entrevista concedida ao repórter J. J. Ribeiro, do jornal mineiro “*O Opiniático*”, Nelson resume bem o propósito de qualquer obra da dramaturgia: “*A plateia só é respeitosa quando não está a entender nada*”. E arremata, dizendo: “*A grande vaia é mil vezes mais forte, mais poderosa, mais nobre do que a grande apoteose. Os admiradores corrompem*”.

A vida como ela é...

De 1950 a 1961, Nelson escreveu, diariamente, contos e crônicas no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. O tema era a vida real, com aquele tempero de luxúria. Era avidamente consumido pelos leitores, que aguardavam ansiosos a edição do dia seguinte. De sucesso inegável, a série consagrou bordões e expressões ao gosto do carioca, como o “é batata”. Desdobrou em fotonovelas, radionovelas e inspirou filmes, como “*A dama do loteação*”. Mais tarde foi levada ao ar em curtos seriados pela TV Globo.

Dos amigos, Nelson não escondia a admiração e predileção por dois: os mineiros Otto Lara Resende e o psicanalista Hélio Pelegrino. Ao primeiro, Nelson, ironicamente, titulou uma peça: “*Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas Ordinária*”. A peça mencionava o nome de Otto em cerca de quarenta falas. A mais célebre: “*o mineiro só é solidário no câncer*”, que Otto

“Não houve na história das artes literárias e da dramaturgia nacional ninguém mais repudiado e ao mesmo tempo admirado como o foi Nelson Rodrigues.”

“É isso mesmo que pretendeu Nelson, mostrar como o homem, em seu inescapável turbilhão de instintos, a arrasta para a vala das desditosas, implacavelmente, o que acaba sempre em tragédia.”

jurava jamais ter dito. A Hélio Pelegrino, era a admiração pela inteligência, motivo pelo qual Nelson desfez o preconceito que nutria contra a Psicanálise.

Devoção às mulheres

Imputavam a Nelson a pecha de machista. Lendo sua biografia e ainda que minimamente sua obra, o leitor mudará o pensamento. Nelson devotava total confiança nas mulheres de sua vida. Dedicado à família, assim como seus irmãos, tudo que ganhavam entregavam para mãe, Maria Ester.

Nelson, casado, relegava o controle das finanças para sua esposa, não se tendo conhecimento de mínima alteração entre ambos, nem quando ele caiu de amores por outra mulher, Lucia Cruz Lima, com quem acabou se juntando em 1961 e com quem teve uma filha, Daniela, que nasceu com paralisia cerebral, a demandar cuidados constantes.

Nelson se orgulhava de que nos anos da década de 1920, o jornal de seu pai, A Manhã, foi o único a abrir espaço para o movimento das mulheres sufragistas, exigindo direito ao voto, e que sucedeu o movimento feministas de tantas conquistas.

Em suas crônicas a mulher parece ser objetificada por demais. Ora, é isso mesmo que pretendeu Nelson, mostrar como o homem, em seu inescapável turbilhão de instintos, a arrasta para a vala das desditosas, implacavelmente, o que acaba sempre em tragédia. A mulher é apresentada como vítima indefesa, e a própria reação feminina, sob certos aspectos, é quase que a defesa esperada e desejada, porque acaba assumindo os contornos de um protesto contra o que, na realidade, todas experimentam.

Ouvi certa feita, de Luiz Felipe Pondé, no programa *Linhas Cruzadas*, da TV Cultura, que *“a adúltera é uma espécie de arquétipo, tem a prostituta também, a matriz é bíblica, ele tem um cristianismo básico por debaixo da obra dele. A não virtuosa é a pecadora do sexo. Carrega o pecado do mundo nas costas. Como uma figura, por ser tão pecadora, está mais perto de Deus”*.

É isso. A mulher adúltera pelas circunstâncias, seja pela necessidade imposta pela dureza da vida, pelo descaso, pela menos valia a ela estendida, seja pela imposição e/ou até desejo inconfessado do homem, é que está presente em *“A Mulher sem Pecado”*, em *“Engraçadinha”*, em *“Bonitinha, mas Ordinária”* em *“Toda Nudez será castigada”* e em tantos outros contos e peças de Nelson. É aquela, cujo adultério incomoda e enfurece a multidão, mas para quem a resposta do Cristo é: atire a primeira pedra... e o resto todos sabemos

A verdade é que Nelson sabia bem da psicologia dos afetos e traduzia como ninguém a alma humana.

Patrulhamento

Nelson sempre foi acusado de ser ‘reacionário’.

O escritor conhecia muito bem as consequências do regime comunista, que forjou o surgimento da União Soviética, e do que aconteceu no período ditatorial de Josef Stalin. Por isso mesmo, como grande parte dos intelectuais e políticos brasileiros, era contrário a tal regime. Em tempos de defesa de valores, como a família, a propriedade e as tradições, era

compreensível a posição de quem não queria regimes de exceção no país. Contra tal “perigo”, desencadeou-se a propaganda e o que se seguiu em 1964.

Rui Castro reprisa e esclarece bem o fato, ao dizer que “*De fato, ninguém, a não ser os mais jovens, podia dizer que Nelson aderira aos militares. (Em 1963, Nelson acreditava piamente que o Brasil “ia para o comunismo”. Nada demais nisso, porque os comunistas também acreditavam.) O mais provável, como dizia Otto, é que “os militares tivessem aderido ao Nelson”. Seu anticomunismo já era quase secular e sua implicância com os marxistas brasileiros, a quem chamava de “marxistas de galinheiro”, não era de hoje. Só se alterara ultimamente para acrescentar que “Marx também era marxista de galinheiro”.*

Quer me parecer que o patrulhamento é sem razão. Não se pode condenar o indivíduo, porque este não se submete ou não concorda com esta ou aquela forma de governo, até tal regime demonstrar não ser o ideal, inconfiável, como o foi o comunismo soviético. Como a história costuma não ser conhecida amplamente enquanto está sendo tecida, o mesmo se deu em 1964, para alguns uma revolução, para outros um golpe. Nelson nunca deixou de combater a censura, em qualquer regime governamental, e em favor de qualquer artista, de direita, centro ou esquerda; nunca compactuou com a violência, física ou moral, e somente teve conhecimento da tortura perpetrada pelos militares, quando seu filho Nelson, ativista dos movimentos de esquerda, foi preso e torturado. Nunca, porém, se furtara a ajudar os jovens a escaparem do regime, como o fez em favor de Hélio Pelegrino, de Zuenir Ventura, e tantos outros. Gozava da simpatia de direitistas e esquerdistas. Empenhou esforços e seu prestígio perante os militares, é verdade, mas para exigir, tanto a liberdade e livre manifestação, quanto a anistia ampla, geral e irrestrita.

A pátria de chuteiras

Acima de tudo, Nelson era um patriota, um otimista em relação ao Brasil. O futebol era o que o brasileiro apresentava de melhor em face de seus adversários. Nelson nunca entendeu nem aceitou o espírito de perdedor que tomou conta da nação, com o fracasso na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil. Por isso dizia que “*o brasileiro tem o complexo de vira-latas*”, se sente inferior aos países europeus. Não somos, não podemos ser “*narcisos às avessas*”, que enxerga o belo apenas no outro.

De sua genialidade, foi o primeiro a enxergar em Pelé um fenômeno e, antes mesmo da Copa de 1958, na Suécia, declarou-lo Rei do Futebol. Vale transcrever o que escreveu o gênio, em crônica que antecedeu tal certame, após assistir a uma partida do então garoto no Maracanã:

Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: – dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: – verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: – ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo,

“Como a história costuma não ser conhecida amplamente enquanto está sendo tecida, o mesmo se deu em 1964, para alguns uma revolução, para outros um golpe.”

“O empate é o pior resultado do mundo. O torcedor sente-se roubado no dinheiro da entrada e inclinado a chamar os 22 jogadores, o juiz e os bandeirinhas de vigaristas.”

um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: – a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: – “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: – “Eu”. Insistiram: – “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: – “Eu”. Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós. (“A realeza de Pelé”)

O futebol alugou boa parte da vida de Nelson. Torcedor do Fluminense, desde 1919 (dizia), teceu páginas memoráveis sobre partidas, craques, pernas de pau, juizes, bandeirinhas e torcedores. Para os lances inusitados, improváveis, do futebol, criou o personagem Sobrenatural de Almeida, abraçado e reprisado por toda imprensa esportiva.

Reclamava que andava escassa a figura do “juiz ladrão”, que provocava a catarse no torcedor e permitia que o jogo continuasse após o apito final, com o ‘foi ou não foi’ de lances duvidosos. É irônico no comentário sobre o magistério do juiz de futebol, sendo agudo:

“Eis a verdade: – o que sustenta, o que nutre, o que dinamiza o futebol é a vaidade. Vejamos o juiz. É um crucificado vitalício. Seja ele o próprio Abrahão Lincoln, o próprio Robespierre, e a massa ignara e ululante o chamará de gatuno. Dirá alguém que ele percebe um bom salário. Nem assim, nem assim. Não há dinheiro que o compense e redima, nenhum ordenado que o lave, que o purifique. E, no entanto, ele não renuncia às suas funções nem por um decreto. Pergunto: – por que esta obstinação? Amigos, a vaidade o encouraça, a vaidade o torna inexpugnável, a vaidade o ensurdece para as 200 mil bocas que urram: – “Ladrão! Ladrão! Ladrão!”

Fosse hoje sua úlcera arderia, em face das mirabolâncias tecnológicas auxiliares da arbitragem, como o VAR (Video Assistant Referee) que, certamente, seria para ele um verdadeiro empana jogo.

Nunca aceitou o empate como resultado digerível. Dizia ele: “o empate é o pior resultado do mundo. O torcedor sente-se roubado no dinheiro da entrada e inclinado a chamar os 22 jogadores, o juiz e os bandeirinhas de vigaristas. Acresce o seguinte: – de todos os empates o mais exasperante é o de 0 x 0. Essa virgindade desagradável e irredutível do escore já humilhava o público e, ao mesmo tempo, o enfurecia.”

Em nota à edição do livro “A pátria de chuteiras”, o editor produz uma pérola: “Nelson Rodrigues é a pátria... sempre, e ao ser sempre ele é como o futebol: o tempo”

Nelson, um clássico que, como tal, estava além de seu tempo.

O buraco da fechadura ao alcance de todos

“Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico (desde menino).”

A mania de espiar pelo buraco da fechadura, ouvir atrás da porta, espreitar a vida alheia é tão antigo quanto o homem. Vai daí essa construção magistral de Nelson, para mostrar sua arguta curiosidade pelo cotidiano e capacidade de enxergar e traduzir o que está além da porta, e que poucos enxergam.

O que não sabia ele, todavia, é que esse buraco foi e vai, mais e mais, se alargando, agora à mão (e aos olhos) de qualquer um. Atende pelo nome de *World Wide Web* (www), rede mundial de computadores, popularmente conhecida como 'internet'. A vida alheia deixou de ser privada e passou a ser pública, ainda que não queiramos. Dados, informações, fatos e fotos a nosso respeito estão ao alcance de qualquer vivente que tenha acesso a ela. Notícias sobre a vida dos "famosos" e dos anônimos são veiculadas em velocidade de uma rodada de cerveja no bar da esquina.

E não há mais limite, por mais que se queira impô-lo, para a ousadia e despudor que navegam na "net", desde a desprezível e inocente dancinha infantil ao despudorado e pornográfico show de luxúria. Vê-se de tudo, de bom ou de mau gosto, referente a todo e qualquer assunto. Agora, sim, verdadeiramente pornográfico. Não há necessidade de estender nesse assunto, posto que do conhecimento geral. Difícil encontrar viva alma que não tenha acesso a tais conteúdos

O que soa contundente é que, com Nelson foi a censura, oficial. Atualmente, pela sensação de anonimato que a rede oferece, ocorre o que ajustaram nominar de "*cancelamento*". Não gostou de tal comentário, cancele-se o autor. Não concordou com tal opinião, cancele-se o opinante. Não concordou com tal fato ou personagem histórico, empreendamos campanha para sua extirpação dos livros e das praças, cancelando a memória. Sem emitir juízo de valor, porque não é esse o objetivo do artigo, o patrulhamento ideológico (ideologia em todas as suas cores) é bem mais exacerbado hodiernamente, fruto da modernização tecnológica, e tudo isso feito mais rápido que um guepardo.

Em termos de liberdade de expressão, o que se veicula hoje em dia é de fazer corar uma catedral, como diria Nelson, e isso tanto na internet, quanto na mídia regular, programas televisivos, cinema, tetro, revistas etc.. Pretender "*cancelar*" Nelson Rodrigues na atualidade é de uma desfaçatez piramidal, chegando a ser pilhéria. Procure e não irá encontrar nenhuma palavra obscena na obra de Nelson. Já nas obras atuais, em qualquer vertente, elas abundam.

Na última entrevista, Nelson expressou uma verdade que discorri por todo esse artigo: a de que todos somos portadores de, um pouco menos, um pouco mais, em doses distintas, dos pecados capitais, não raro inconfessáveis, que trancamos em um quarto escuro. Ele diz: "*Claro que o sujeito, seja ele um homem de bem ou um pulha, é um assassino falhado. Não há ninguém, vivo ou morto, que não tenha concebido a sua fantasia homicida. O melhor de nós já pensou em matar e já se imaginou matando etc. etc.*" Essa fantasia homicida, não diz respeito ao assassinato propriamente dito, mas a qualquer sentimento em contraste com o correto proceder estabelecido, de geração em geração, de contexto em contexto.

Disse Billy Wilder que "*o pecado mora ao lado*". Sartre foi além: "*o inferno são os outros*". Humildemente afirmo: o pecado e o inferno moram em nós. Cabe-nos aplacar o que nos consome.

Pela ousadia, coragem e inteligência (destaca-se, não cursou nenhuma faculdade, estudou apenas até o ginásio) foi considerado, até agora, o mais expressivo e influente dramaturgo do Brasil.

Fim do jogo

Por ironia, ele que sempre viveu às voltas com as finanças, acertou os 13 jogos na loteria esportiva em um "bolo", junto com seu irmão Augustinho e outros companheiros de *O Globo*, no exato dia em que encerrava sua jornada neste planeta.

Anos antes, escrevera em *O Globo* a crônica "*A Vigília dos Pastores*", que concluía assim:

"Escrevo à noite. Vem na aragem noturna um cheiro de estrelas. E, súbito, eu descubro que estou fazendo a vigília dos pastores. Aí está o grande mistério. A vida do homem é essa vigília e nós somos eternamente os pastores. Não importa que o mundo esteja adormecido. O sonho faz quarto ao sono. E esse diáfano velório é toda a nossa vida. O homem vive e sobrevive porque espera o Messias. Neste momento, por toda a parte, onde quer que exista uma noite, lá estarão os pastores – na vigília docemente infinita. Uma noite, Ele virá. Com suas sandálias de silêncio entrará no quarto da nossa agonia. Entenderá nossa última lágrima de vida."

Nelson escreveu 17 obras teatrais, nove livros, duas novelas e mais de 2000 contos e crônicas. Dezessete filmes foram feitos com base em suas obras.

No dia 21 de dezembro de 1980, ao lado de sua esposa, Elza, para quem voltara três anos antes ("*havia passado catorze anos separados, mas tinham toda uma vida em comum*") Nelson Falcão Rodrigues cruza a linha do gol, fecham-se as cortinas e encerra-se o espetáculo... Eterno.

Fontes

- *O Anjo Pornográfico*, Rui Castro, Cia das Letras.
- *A Vida como ela é...* Nelson Rodrigues - Cia das Letras – 5ª Reimpressão
- *A Pátria de chuteiras*, por Nelson Rodrigues, disponibilizado pela Lê Livros (<http://joinville.ifsc.edu.br/~luciana.cesconetto/Textos%20teatrais/Nelson%20Rodrigues/NELSON%20RODRIGUES%20-%20A%20Patria%20de%20Chuteiras.pdf>)
- *À Sombra das chuteiras imortais* – Cia das Letras – 3ª Reimpressão
- *A Menina sem estrela – Memórias* – Nelson Rodrigues – 1ª Reimpressão (todos os livros sob reimpressão com coordenação de Rui Castro)
- *Última entrevista com Nelson Rodrigues* - J. J. Ribeiro, do periódico "O Opiniático". Revista Bula, 2016. Acessível em: <<https://www.revistabula.com/5753-a-ultima-entrevista-de-nelson-rodrigues-2/>>.



Ofiúco

Sílvia Nascimento

Juíza de Direito do TJMG em Guanhães

Ela tinha um hábito. Acostumara-se. Às terças, como as cartas estão fora de moda, Bento trazia suas revistas do que costumava chamar de literatura fantástica. Em um mundo em que o ano cabem 12 meses, parecia reconfortante ter 12 tipos de pessoas. Doze era um número simpático que comportava divisões perfeitas.

Contudo, agora havia um 13º signo e nada mais era o que sempre foi. A NASA, com sua matemática quebrada, havia tornado o mundo um número primo, torto e quebrado.

Se ao menos fosse o número 7, mas não, o 13, número do azar. Sempre fora de Capricórnio, mas de repente se tornou de Sagitário. Como passar de uma pessoa séria e sistemática para alguém positivo e extrovertido? Alice olhou para o espelho e ensaiou um sorriso. Não se sentia confortável com sua nova roupa de Sagitário.

Mas capricornianos também conseguem fazer amigos. Tornara-se amiga de Bento como capricorniana. Era prazeroso conversar com ele, o que tornava suas terças mais agradáveis. Para ela, os Correios sempre traziam boas novas e, com elas, Bento.

Mesmo que rapidamente, conversar com uma pessoa fora da tela de LCD, ainda que no breve momento da entrega de sua literatura fantástica, era um acalento em tempos de pandemia.

Com o passar do tempo, Alice e Bento se acostumaram com aqueles micros encontros. Não se tornaram realmente amigos, mas Alice gostava de algumas vezes na semana trocar frases rápidas com ele sobre como estava o tempo, sobre o novo normal, a perspectiva de vacina, entre outras não tão pequenas banalidades.

Às vezes, Bento era a única pessoa que ela via durante toda a semana. Para alguém que até pouco tempo se bastava, a solidão da pandemia pareceu incomodar mais do que deveria. Sentia falta inclusive dos colegas de trabalho que já eram, antes de tudo isso, distantes.

Bento acabava ajudando a melhorar um pouco aquela sensação de que apenas o seu kitnet estava vazio. Alguns minutos das terças-feiras eram preenchidos com uma alegria fugaz de poucos minutos. Porém, era uma alegria certa.

Aos poucos foi descobrindo coisas pequenas sobre ele e o quanto tinham em comum.

Era o melhor dia de seus sete dias. Aquele momento rápido e permitido de socialização era o instante mais esperado da semana. Encontros quase que sociais, sem medo de errar.

Alice olhou a rua pela janela do apartamento. É estranho como o vento consegue passar pelas ruas vazias de Guarulhos e bater em suas paredes cinzas. É como se o musgo dos muros abandonados fizesse com que o vento fosse sentido ainda mais cortante.

Bento não costumava demorar tanto. Ele sabia que Alice não lidava bem com atrasos e que rotina era algo essencial para alguém de Capricórnio. Mas agora com Ofiúco, tudo mudou. Ela era de sagitário.

Poderia esperá-lo com uma calma que não era a sua. Não demorou muito, mas para Alice pareceu uma fatia de eternidade.

A pequena van amarela dos Correios parou em frente ao porteiro eletrônico. Sem nem mesmo tocar seu número, Alice desceu. Não fazia sentido aguardar ser chamada se sabia que havia encomendas suas. Ao chegar no portão, percebeu que não era mais Bento que estava ali. Alice cumprimentou o novo carteiro: "Bento não faz mais essa rota?"

"*Eu sou novo, não conheço praticamente ninguém do setor*", respondeu em tom ameno, um jovem magro, com olhar curioso por conta de uma pergunta pessoal demais para um carteiro.

Um micro sorriso amarelo finalizou a conversa.

Alice pegou suas revistas e subiu as escadas, segurando-se no corrimão como se fosse uma bengala pesada e titubeante.

Ao chegar no apartamento, mal conseguiu chegar na cama. Não queria deixar que o medo tomasse conta. Não poderia supor que Bento estaria doente, ou morto. Talvez só tivesse ido embora. Mesmo sem nenhum aviso, recado ou notícia.

Ainda que tivesse ido embora e sequer se lembrado dos olhares de relance, dos olhos que sem graça se abaixavam quando se cruzavam, dos sorrisos e risos sobre frivolidades e, por fim, aquele breve toque de mãos ao entregar a correspondência. Ainda que tivesse ido embora, sem sequer passar ali para se despedir. Ainda que o tão prometido café nunca viesse a existir, Alice ansiava pelo egoísmo ou a falta de atenção. Ainda assim, seria melhor que encarar o fim de uma linha que nunca deveria ter ocorrido.

A pandemia nos trazia um gosto de vidas interrompidas que jamais deveríamos ter provado.

Se Bento fosse apenas egoísta, eles talvez um dia se cruzassem no metrô. Ou ele poderia a procurar em 2050 na lista telefônica que haveria de voltar à moda.

No apartamento, passou a folhear compulsivamente as novas revistas. Sabia o que procurava. Começou pela Revista de João Bilu. O novo signo... Sagitário. Vejamos:

"*Amigos antigos te procurarão para uma viagem inesquecível.*" Pouco provável, até porque começou a não receber mais convites após algumas recusas para encontros furtivos em meio a uma pandemia.

Passou ao próximo. "*Projeção na carreira do sagitariano é eminente*". Mal acabara de ler, e esse horóscopo conseguira

“Talvez apenas um continuar eterno de todos os dias como se já conseguisse saborear em doses homeopáticas todo o resto de vida profissional que ainda viveria. Um sabor de fruta mordida daquelas que a boca amarra.”

entristecer um pouco mais Alice. A sua carreira não era iminente muito menos eminente. Talvez apenas um continuar eterno de todos os dias como se já conseguisse saborear em doses homeopáticas todo o resto de vida profissional que ainda viveria. Um sabor de fruta mordida daquelas que a boca amarra.

Prosseguiu. Não era a ocasião certa para pensar sobre a vida profissional. Nunca era.

“Fantasias românticas esquentarão a vida do casal.” Olhou ao lado, para a cama vazia. Realmente não podia culpar a pestilência nesse caso. Pensou no Bento, mas sabia que seus breves momentos não caberiam na palavra *“relacionamento”*. Sentiu um aperto. Buscando esquecer, continuou sua busca.

“Júpiter retrógrado em sagitário, fará com que você tenha sonhos profissionais mais realistas.” Irônico com minha carreira eminente.

Seguiu.

“Terá um dia ensolarado e boas notícias virão até você.”

Alice ficou com um pouquinho de esperança. Foi até a janela para poder sentir o sol em sua pele. Não, os muros cinzas de Guarulhos não permitiram que os raios iluminassem a cidade dormitório que parece nunca acordar.

Quase desistindo, Alice pegou a última revista e, às cegas, apenas abriu e desceu os olhos, como um jogar de dados em uma aposta. Conseguiu! Pronto, poderia começar sua rotina diária, agora mais tranquila, porque algumas coisas talvez apenas possam continuar como sempre foram.

Na revista *Marie Claire* jogada na cama estava escrito: *“Você de Capricórnio hoje terá um bom dia.”*

Cachaça em diferença e repetição

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG em Governador Valadares

Seu Artur, o avô, jogava damas
Não deixava que a pedra se
movesse
Ou comesse para trás

Disputava com Seu Amaro,
E arquitetava pés de pinto
Para embaraçar Zequinha Latoeiro

Quase cego e muito tátil
Tomava conta do carreirão
Encerrava a partida
Com o outro no curé

E o aplauso do paladar
Era uma talagada
De uma branquinha
Servida no copo esmalte

Da Lindoia ou Fazenda Belo Lisboa
Diferença que repete
Repetição diferente
Sabores Minas, pensa Gerais

Seu Amaury Cruvina, o pai, pintava
paredes
Em estilo autodidata que aprende
Como quem olha o que o outro faz

Pintou o grupo escolar, o casarão
de Sanita
Deixou um luxo o Automóvel Clube
A prefeitura não pintou não

Tinha aversão ao alcaide
À perseguição e à coisa errada
Dinheiro algum nem de licitação
Mudava essa sua teimosia

Fim do meio sábado, antes do
almoço
Desceu a rua do Furruba
Em companhia do Jairinho
eletricista
Rumo a um, dois ou três goles da
Jararaca

Convite ao Pimenta: se fizer raiva
no Irani
Te pago metade de um copo
americano
Injuriado e dissimulado o Irani
rogava praga
Todos riam, mas o pagamento não
saía
Ocê fez raiva no meu irmão e quer
que eu te pague pinga!

Pilhéria sem pileque
Repetição que difere
Diferença repetitiva

Seu Amaury, o filho, fazia poesia
Mas, poesia não se faz, só é
descoberta
Saída pela fresta da existência

Embalou palavras em cueiros
Liberou interjeições aprisionadas
Desconversou em silabadas
Para articular o cartesiano

Utilizou de peças decisórias
Com retóricas sem incógnitas
Para cumprir bem o ofício
De definir o que é de cada um

Mesmo sabendo que nos confins
Do que é verdadeiro justo, direito
algum
Tem autonomia de dizer o verbo
Ou força para sozinho transformar

Vasculhou os notariais e registrais
Treinou mesários em preparação aos
pleitos
Das amizades como a de Jurandir do
Aramirim
Ganhou garrafas das primeiras
fervuras

O sempre não é o mesmo
A cachaça traz na repetição
O sabor da diferença
Como uma linha genealógica
Prepara o atávico e o inédito
Um brinde solto e livre
À matriz das borras do melaço
Que ensina pela energia do adubo
A vida se repete e se diferencia
Sem moderação



Três poemas

Renato César Jardim

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Beco sem saída

Era um beco labiríntico
E eu não levei novelo
Nem muito menos o zelo
De me poupar numa festa
momesca.

Era um desses becos do Mota
E a chance de não querer ficar
Remota.

De nada valeria a vida
Se eu não visse o beco
O beco bom de se ver.

Melhor que ver a baía
A linha do horizonte
Fui levado a crer.

Era uma viela encravada
E me senti feliz
Num beco sem saída.

O que me importava
Era a glória de estar no beco

Vida

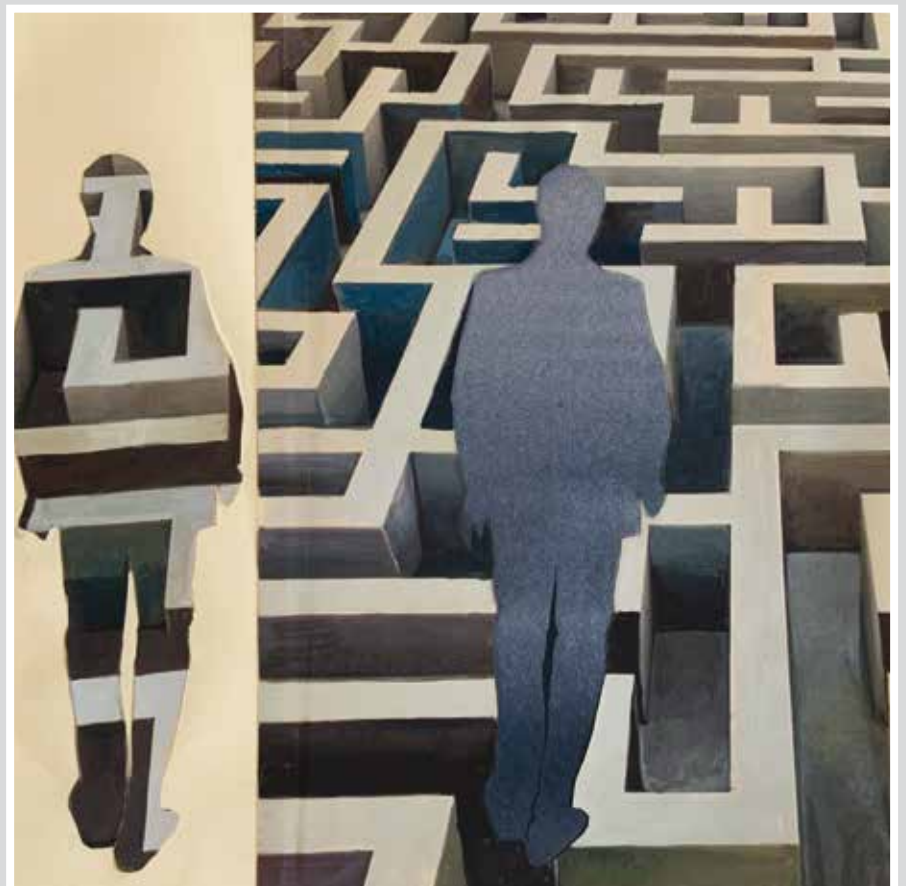
Vai, dependente químico,
No restaurante sextilhões
estrelas
Chama o garçom ubíquo
Recebe a tabela periódica
Escolhe tua sopa
Água temperada
Especiarias universais
Pitadas de carbono
Metano, aminoácidos
O prato de tua energia.

Sei que queres
O peito agasalhado
O suor de teu corpo
Vapor do caldo prebiótico
Tua comida
Vida!

Universos

Universo paralelo!?
Há outro?
Poesia...

Para lê-lo / fiz outro plano
Uni versos
E anversos.
Plano d'versos
Universos.



Três poemas

João Quintino Silva Galinari
Desembargador do TJMG, aposentado

Idade: soma de experiências

Não somos velhos nós dois.
Só chegamos ao futuro
Debaixo de muitos sóis,
Ficando apenas maduros.

A velhice não é trato.
É vivência, sim senhor.
Compare o moral retrato
De nós dois e o de um júnior.

Sem pendência de favores
Na questão experiência,
Nas ideias, nos recatos,
Somos bem superiores
A qualquer desses novatos
Que não são tão bons atores.
No teatro da existência.

Querer-querendo

Uma dama bonitona
(Raridade de mulher),
Monumento que se
abona...
– Conquistá-la, quem não quer?

Flor de límpida cachopa
(Esperdício de mulher),
Sonha estágios pela Europa...
–Cortejá-la, quem não quer?

Poetisa, intelectual,
Uma estrela do saber
A brilhar como um fanal...
– Namorá-la, quem não quer?

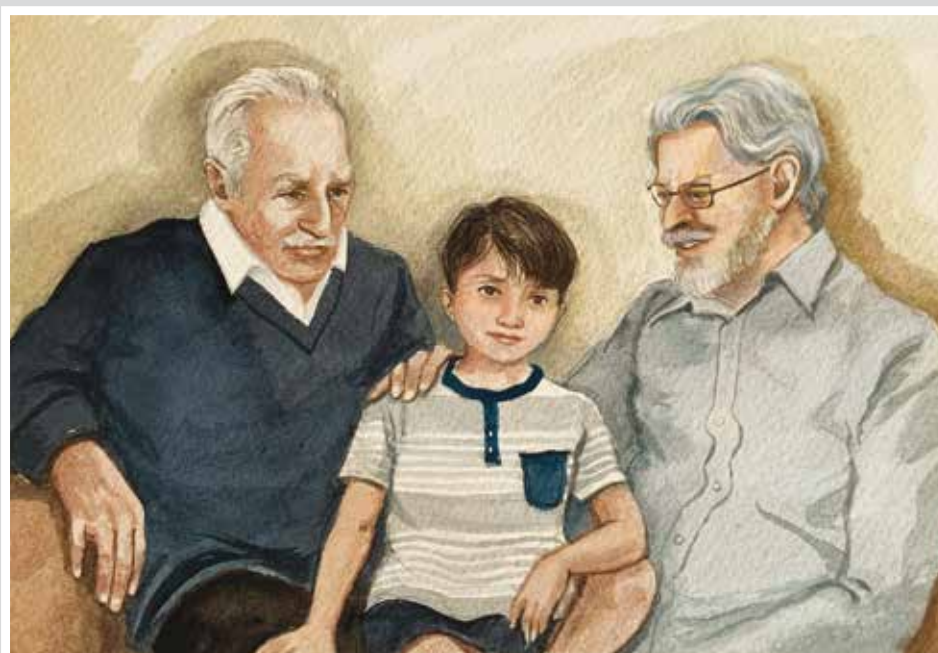
Quero eu só. Sem mais ninguém
O aconchego absoluto
Dessa dama – sumo bem...
Há perigo, mas disputo.

Essa dama, que é demais,
Que Deus pôs na humana tela
P'ra regalo dos mortais,
Quem não quer morrer por ela?

Homem, ser provisório

O que sou? ou serei? – Nada.
Ser que caminha em penumbra
E que ao fim de longa estrada
Faz-se pó na negra tumba.

A vida é nada. Dura um sopro, e só.
Algum tempo na terra – ser vivente ...
O que fiz? ou não – fiz? Nada oferente.
Corpo vivaz. Depois, apenas pó.



Doce pássaro da juventude

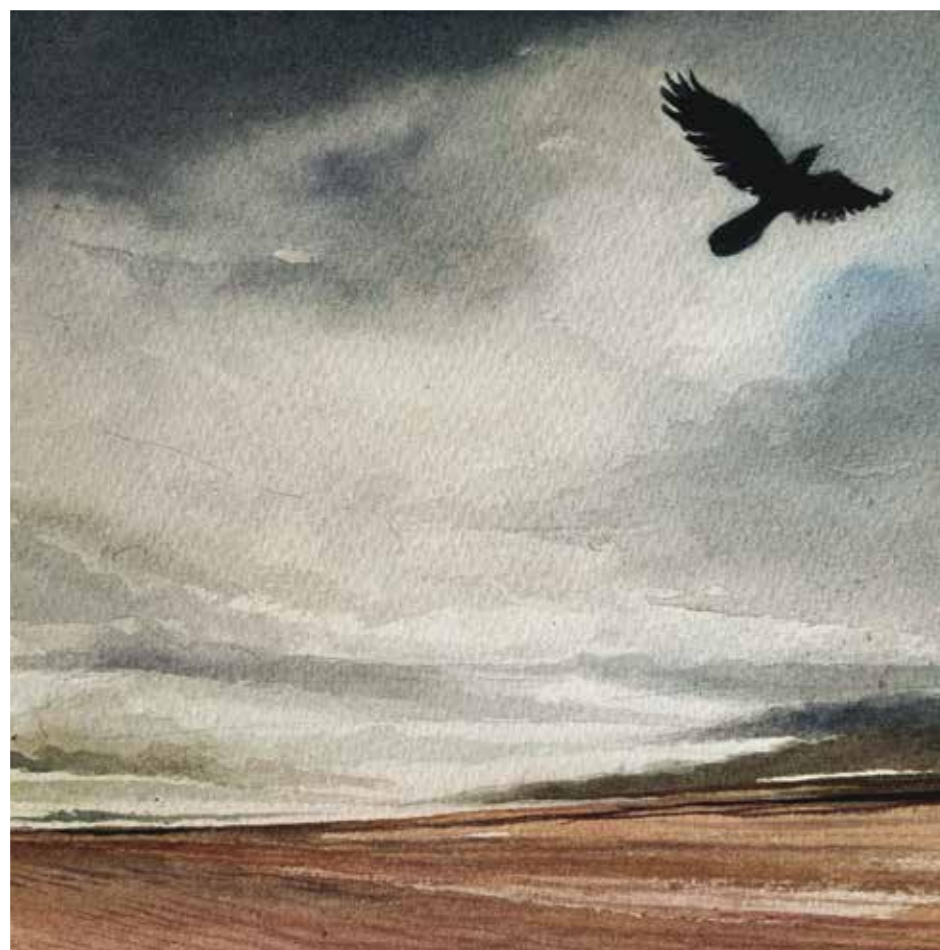
Llewellyn Medina

Desembargador do TjMG, aposentado

Doce pássaro da juventude
 por que tão cedo te alienaste de mim
 por que fugiste pela ampulheta do tempo
 antes de o inverno afugentar andorinhas
 que buscam aconchego e tépido sol da primavera
 tempo de descobertas quimera
 antes de a sabedoria vicejar em meu jardim

não era tempo de espera
 era tempo de viver intrepidamente
 tudo acontecia aos borbotões
 era tempo de folguedos rojões
 tempos bons de viver sem medos
 amores fugazes platônicas descobertas
 amizades fortuitas e incertas

voou decisivamente doce pássaro da juventude
 voou voo sem volta pro passado
 o pássaro de fogo evanesceu
 perdeu o brilho de cometa
 segue trilha estreita
 até que fora da estação
 a flor definitiva brilhe.



Soro

Aldina Soares
Juíza de Direito do TJMG

Refúgio
destino inviolável
indissolúvel

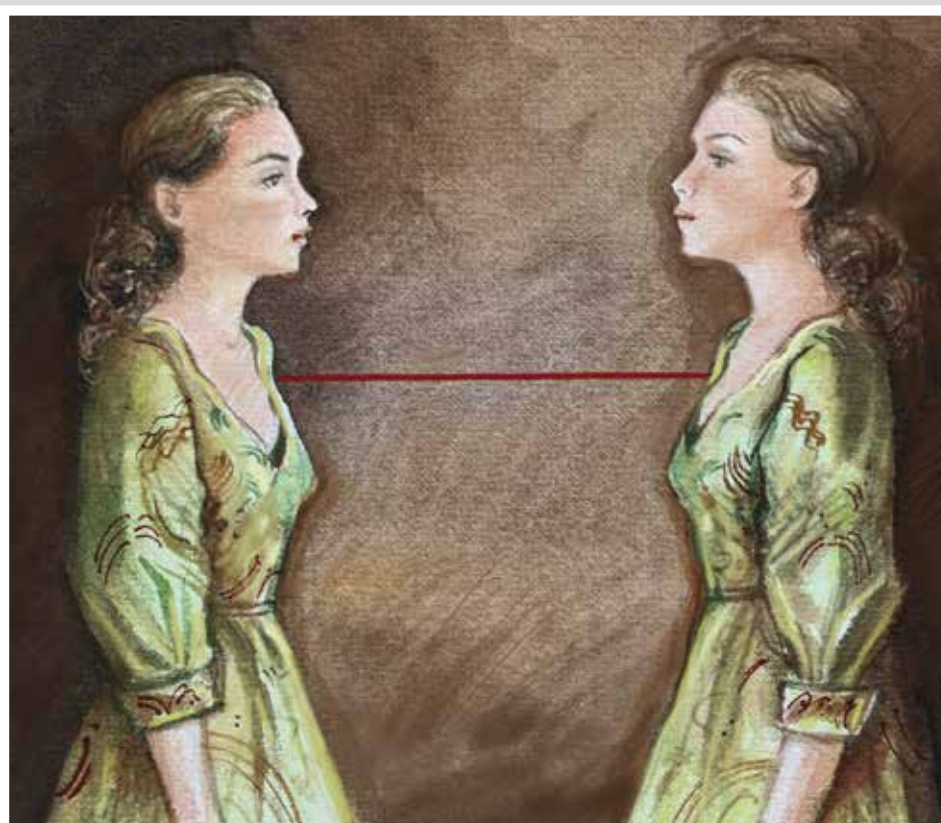
Quando entardecendo
a fria fresca do orvalho,
o vento úmido,
a flor aberta e estrela discreta vêm,

Arfam os olhos
ansiosos das memórias
dias e noites,
madrugadas e madrigais.

Gruta secreta,
alma, ente,
persona e reticência
sou.

Em cores,
preto e branco
triste e riste,
risos e choros.

Sou única,
soro de mim.





Cozinha

José Aparecido Fausto de Oliveira
Juiz de Direito do TJMG em Araxá

A cozinha é o principal lugar da casa, pensava enquanto olhava a mãe a arrumar as panelas. É ponto de encontro, de conversas, de partilha, de desavenças.

Ficou ali, sentado à mesa, satisfeito com a refeição e a ouvir, sem prestar atenção, os pais conversarem. Viu o tio limpando a boca com o pano de prato, após tomar um café e beliscar um pedaço de bolo, sim, pegara o mesmo pano que a mãe usara para enxugar os utensílios.

Deixou-se estar.

Não queria saber de televisão, celular, computador, apenas pretendia apreender aquele momento.

Sansão adentrou, alegre, buscou carinho de um a um e deitou-se a seus pés. Também ele pareceu querer desfrutar aquele ambiente.

A mãe se assentou e pôs-se a conversar com o irmão, o tio citado. O pai saiu, foi se deitar.

Perguntassem do que conversaram a mãe e o tio, não saberia dizer, era apenas um espectador das emoções, do sentimento e do sentido que a cozinha tinha na família.

Dali a pouco, chegou sua irmã com o filhinho. Cumprimentos, mimos, Sansão abanava o rabo, latiu de alegria, “sorriu latindo”, na voz de Roberto Carlos.

E na cozinha ficaram. Geladeira foi aberta, suco servido, bolo, o pai voltou...

E a tarde foi se desenhando, um ventinho frio de outono entrava pela porta e vitrô.

Buscou na memória se outrora havia vivido semelhante situação, não se recordou. Muito provável tivesse ocorrido, contudo, em geral, o corriqueiro não fica gravado.

A irmã foi embora, havia passado só para um ‘oi’, tinha coisas a fazer. O tio aproveitou e também se retirou, aproveitou a carona, os pais foram se despedir deles no portão.

Não se levantou. Despediu-os com um aceno e palavras gentis. Queria sorver toda a energia daquele instante, fazer com que ficasse retido na memória. Sansão deve ter querido o mesmo, porque ficou.

O vento frio do outono lhe aquecia o coração.

Foi assim que, sentado na cozinha, no outono de hoje, recordou o que tinha ocorrido anos atrás. Sansão virou estrelinha. O tio os deixou.

Entretanto, ali estava a mãe, feliz pela sua visita. O pai deixara a oficina e viera recebê-lo.

Geladeira abriu-se, coou-se um café e ele pegou-se enxugando a boca no pano de prato da mãe.

“Buscou na memória se outrora havia vivido semelhante situação, não se recordou. Muito provável tivesse ocorrido, contudo, em geral, o corriqueiro não fica gravado.”

Lançamento festivo

Uma grande confraternização marcou o lançamento simultâneo, em 5 de novembro último, da Edição 26 de *MagisCultura*, com homenagem aos 50 anos do Clube da Esquina, e da Edição Especial em homenagem a Hermenegildo de Barros.

Uma das presenças de destaque do encontro foi Marilton Borges, o irmão mais velho de Lô Borges, que contou histórias sobre o Clube da Esquina e o vínculo da família Borges com Milton Nascimento: *“Eu tinha 11 irmãos, e Bituca falava que era o ‘dózero’”*, lembrou, brincando.

Marylton agradeceu *“a honra de representar essa turma toda aqui na Amagis, no templo dos Magistrados mineiros”*. Além de magistrados, estiveram presentes diversos jornalistas e artistas, como o cantor Tadeu Franco e a artista plástica Liliane Dardot.

O presidente da Amagis, Luiz Carlos Rezende dos Santos, destacou a importância da edição especial em homenagem a Hermenegildo de Barros, *“grande magistrado, homem corajoso, pontual, sereno e extremamente técnico”*. A revista contém a biografia do juiz, escrita pelo desembargador



Luciano Pinto, com prefácio do ex-presidente do TJMG José Fernandes Filho.

O lançamento contou com a presença de netas, bisnetas e tataraneta de Hermenegildo de Barros no evento.



Fotos: Georgia Bacvavoff e Izabela Machado



A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.

